



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

LORENA GRACE DO VALE DEISSLER

**Multilinguismo e Síndrome do X Frágil:**  
Relação de identificação na/pela língua

RECIFE  
2014

LORENA GRACE DO VALE DEISSLER

**Multilinguismo e Síndrome do X Frágil:**  
Relação de identificação na/pela língua

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabela do Rêgo Barros e coorientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Maria Monteiro de Carvalho.

RECIFE  
2014

Deissler, Lorena Grace do Vale.  
Multilinguismo e Síndrome do X Frágil: uma relação de  
identificação na/pela língua / Lorena Grace do Vale Deissler. –  
Recife, 2014  
55f. : il.

Orientadora: Isabela B. do Rêgo Barros

Coorientadora: Glória Maria M. de Carvalho

Dissertação (Mestrado) – Unicap / Ciências da linguagem

1. Síndrome do X frágil. 2. Aquisição da linguagem. 3. Enunciação.  
4. Identidade. 5. Língua materna

LORENA GRACE DO VALE DEISSLER

**Multilinguismo e Síndrome do X Frágil:**  
Relação de identificação na/pela língua

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Temístocles Ferreira Júnior – UFRPE  
Examinador externo

---

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Renata Fonseca Lima da Fonte – UNICAP  
Examinadora interna

---

Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Isabela Barbosa do Rêgo Barros – UNICAP  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Glória Maria Monteiro de Carvalho – UNICAP  
Coorientadora

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força e saúde durante toda essa longa caminhada. Sei que “Posso tudo naquele que me fortalece”.

Dedico esta, bem como todas as conquistas, aos meus amados pais (Lúcio e Graça), que me deram muito mais do que precisava.

Martin, que de forma carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos difíceis.

Especialmente Isabela Barros, pelo seu espírito inovador e empreendedor na tarefa de multiplicar seus conhecimentos, que com sua sensibilidade tornou mais belo o nosso trabalho científico.

À Professora Glória Carvalho, pela docilidade de sempre, apoio e paciência.

À Janylle Sabino, pelas doces segundas-feiras.

Agradeço à amizade e companheirismo das amigas Isis e Ione, pessoas presentes em todos os momentos da minha vida.

A UNICAP, seu corpo docente e direção que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento do senso crítico nas pesquisas do mestrado.

Amigos e familiares da Alemanha, pelo incentivo e apoio constante.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Os compêndios médicos destacam na Síndrome do X Frágil (SXF), também conhecida como Síndrome de Martin-Bell, as alterações cognitivas, somáticas e linguísticas, caracterizadas por um quadro de deficiência mental, distúrbio de comportamento e de linguagem, que, por vezes, podem ser confundida com o diagnóstico de autismo. No entanto, afastamos nosso olhar dos aspectos clínicos e nos posicionamos diante da heterogeneidade da linguagem, objetivando discutir a constituição da linguagem de uma criança diagnosticada com SXF, inserida em um contexto multilíngue a partir da identificação pela língua. Nesse sentido, para responder às questões sobre sujeito e linguagem, trazemos à baila o campo teórico da Linguística da Enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006), e consideramos nas discussões sobre a aquisição da linguagem a perspectiva de Silva (2009), que explica o fenômeno a partir da interface língua, linguagem e sujeito. Apresentamos alguns dados, a título de exemplos ilustrativos, para discutir a relação língua e identidade na constituição da linguagem do sujeito, onde podemos observar as marcas do elo entre a linguagem e o sujeito durante o seu processo de constituição. As análises sugerem que apesar das irregularidades na linguagem do sujeito diagnosticado com SXF, devemos nos afastar da visão reducionista da patologia e considerar que os sintomas na linguagem são marcas do processo enunciativo do sujeito e que é preciso se identificar com a língua para se constituir nela e dessa forma se fazer sujeito na/pela linguagem.

**Palavras chave:** Síndrome do X frágil. Aquisição da linguagem. Enunciação. Identidade e língua materna.

## ABSTRAKT

Die medizinischen Lehrbücher heben beim Fragilen-X-Syndrom (FXS), auch bekannt als Martin-Bell-Syndrom, die kognitiven, somatischen und linguistischen Änderungen hervor, die durch ein Krankheitsbild geistiger Behinderung, Verhaltens- und Sprachstörung charakterisiert sind, die manchmal mit der Autismus-Diagnose verwechselt werden können. Dabei wird in dieser Arbeit jedoch der Blick von den klinischen Aspekten abgewandt und angesichts der Heterogenität der Sprache mit dem Ziel Stellung genommen, das Sprachschaffen eines mit FXS diagnostizierten, in einen multilingualen Kontext eingebundenen Kindes ausgehend von der Sprachidentifikation zu diskutieren. Um die Fragen zu Subjekt und Sprache zu beantworten, wird dafür das theoretische Feld der Theorie der *énonciation* von Émile Benveniste (2005; 2006) hinzugezogen und bei den Diskussionen über den Spracherwerb die Perspektive von Silva (2009) beachtet, der das Phänomen ausgehend von der Schnittstelle Sprache, Sprechen und Subjekt erklärt. Es werden einige Daten als Beispiele zur Illustration präsentiert, um die Relation Sprache und Identität beim Sprachschaffen des Subjekts zu bezeugen. Dort können die Kennzeichen der Relation zwischen Subjekt und Sprache während ihres Schaffensprozesses beobachtet werden. Die Untersuchungen suggerieren, dass man trotz der Unregelmäßigkeiten bei der Sprache des mit FXS diagnostizierten Subjekts sich von der reduktionistischen Sichtweise der Pathologie abzuwenden und zu berücksichtigen hat, dass die Symptome bei der Sprache Kennzeichen des Äußerungsprozesses des Subjekts sind und dass es notwendig ist, sich mit der Sprache zu identifizieren, um sich in ihr zu konstituieren und sich so zum Subjekt in der/durch die Sprache zu machen.

**Schlüsselwörter:** Fragiles-X-Syndrom. Spracherwerb. Énonciation. Identität und Muttersprache.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS</b> .....	12
<b>Capítulo 1 – Linguagem na Síndrome do X Frágil</b> .....	15
1.1 Características e contextualização .....	16
1.2 Linguagem e língua .....	19
1.3 Linguagem e enunciação .....	26
1.4 Aquisição da linguagem no contexto da enunciação.....	31
<b>Capítulo 2 - Língua materna, bilinguismo e multilinguismo</b> .....	36
2.1 Língua(s) e Língua Materna .....	37
2.2 Bi/multilinguismo.....	42
2.3 Identificação com a língua.....	44
<b>Considerações finais</b> .....	48
<b>Referências</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

A Síndrome<sup>1</sup> do X Frágil, doravante SXF, foi descrita pela primeira vez pelos pesquisadores Martin e Bell em 1943. A descoberta da síndrome deveu-se, sobretudo, ao olhar atento dos cientistas às características físicas e comportamentais de crianças do sexo masculino pertencentes a mesma família ao longo de várias gerações. As suspeitas de que a síndrome estivesse ligada ao cromossomo X intrigavam aos pesquisadores pela presença do retardo mental num número alto de crianças perpassando diversas gerações da mesma família.

Em 1969, o cientista Lubs descobriu o correlato citogenético da SXF no braço largo do cromossomo X, numa amostra ampla de crianças afetadas pela síndrome, que foi assim denominada após descoberta genética dessa afecção (LOPEZ, MONSALVE & ABAD, 2002). O defeito molecular consiste na redução ou ausência do gen FMR1, que é responsável pela codificação da proteína FMRP nas pessoas devidamente diagnosticadas com SXF (MONTENEGRO, 2011).

A SXF é a causa mais comum de retardo mental herdado no mundo, suplantada apenas pela síndrome de Down, sendo o diagnóstico médico geneticista confirmado por análise molecular, podendo ser também subdiagnosticada por pediatras. Embora vários avanços alcançados, principalmente na área genética, as condições de origem hereditária dessa síndrome estão longe de serem totalmente compreendidas (SAUNDERS, 2004)<sup>2</sup>. Contudo, as análises epidemiológicas de pessoas diagnosticadas com SXF afirmam prevalência média de 2 a 20 casos para cada 10 mil nascidos no mundo e, no Brasil, a média varia de 1 caso para 2.500 (YONAMINE & SILVA, 2002).

Sabe-se que, desde muito cedo, a SXF tem sido relacionada ao autismo diante do impasse do diagnóstico diferencial e da complexidade do tema. O autismo é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais - DSM V<sup>3</sup> (2013) dentro da categoria

---

<sup>1</sup> Terminologia usada frequentemente nas áreas da medicina para designar um conjunto de sinais e sintomas que existem concomitantemente e que indicam clinicamente um estado de enfermidade.

<sup>2</sup> Considerações nossas a partir do texto original: “Questo ha permesso ai ricercatori di iniziare a considerare come la presenza di una mutazione genetica avrebbe potuto essere causa di disturbi di apprendimento, anche se ciò non è stato ancora chiarito in modo appropriato, ed ha anche permesso di scoprire maggiori informazioni rispetto a come tale gene venga trasmesso alle future generazioni. Gli studiosi hanno inoltre sviluppato un test semplice ed attendibile per tale condizione. Sebbene negli ultimi dieci anni siano stati fatti molti progressi, gli studi non sono completi, e molte questioni rimangono ancora irrisolte”.

<sup>3</sup> O DSM V, publicado pela *American Psychiatric Association* (APA) em 2013, após 14 anos de revisão, é um compêndio médico usado como referência para pesquisas, diagnoses e classificação dos transtornos mentais. Uma

de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), no entanto a SXF tem uma classificação diagnóstica à parte do grupo dos transtornos autísticos permanecendo apenas a sintomatologia associada causadora de confusões diagnósticas. Essa associação da SXF com o autismo foi constatada por pesquisas tais como a de Diamant & Cypel (1996) que indicaram haver mais de 25% de SXF em crianças diagnosticadas como autistas. Schwartzman et al (1995) também afirma que a SXF é uma das condições genéticas que causam o transtorno autista, sendo as áreas da linguagem, cognição, matemática e desenvolvimento motor as mais afetadas.

Contudo, independentemente de muitos dos sintomas do autismo serem similarmente comparados aos encontrados comumente na SXF, precisamos considerar em separado cada categoria diagnóstica.

Além dos sintomas neurológicos, a referida alteração resulta em desordens comportamentais, problemas ortopédicos, face alongada e distúrbio de aprendizagem. Molina, Juste & Fuentes (2010) detalham que dentre as peculiaridades físicas, as crianças com SXF geralmente apresentam macrorquidismo<sup>4</sup>, face alongada, estrabismo, sopro cardíaco e pele delicada.

Os estudos de Guerrero et al (1998) também sugerem que o quadro clínico da SXF apresenta também achados neuropsicológicos. Quanto aos aspectos comportamentais, estes são fortemente caracterizados pela hiperatividade, dificuldade de manter a atenção e concentração. Giacheti, Costa & Spinelli (1992) acrescentaram, após pesquisa realizada com treze sujeitos brasileiros com SXF, que todos apresentaram dificuldades perceptuais, labilidade emocional, timidez e pobre contato visual. Em alguns homens, pode haver atrofia cerebelar o que pode ocasionar tremor, problemas de memória e perda de funções motoras (MOTENEGRO, 2011).

Com base em Stevenson (1994), Hagerman (1999), Sarimski (2000), Linzer<sup>5</sup>

---

das mudanças mais significativas dessa nova versão está na definição do autismo. Na versão anterior (DSM IV), havia cinco transtornos que compunham o quadro de espectro do autismo, cada um com diagnóstico único: Transtorno Autista ou Autismo Clássico, Síndrome de Asperger (Transtorno de Asperger), Transtorno Invasivo do Desenvolvimento - Sem Outra Especificação (PDD-NOS), Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância. No DSM V, esses transtornos fazem parte de um único diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo - TEA (ASD em inglês), exceto a Síndrome de Rett que terá uma classificação diagnóstica separada do grupo, não fazendo mais parte do espectro do autismo. Para o sujeito ser diagnosticado com TEA, os sintomas devem comprometer a vida cotidiana e a capacidade social, além de ter iniciado na mais tenra infância.

<sup>4</sup> Tamanho aumentado dos testículos.

<sup>5</sup> Considerações nossas a partir do texto original: “Das FXS ist bereits seit 1943 als „Martin-Bell-Syndrom“ bekannt nach den beiden Forschern. Die erstmals das Auftreten seiner typischen Merkmalskombination aus verschiedenen kognitiven, Behavioralen, Sprachlichen, sensomotorischen und physiognomischen Charakteristika unter den männlichen Mitgliedern einer mehrere Generationen umfassenden Familie beschreiben”.

(2008, p.7) afirma que os primeiros achados da época caracterizam a sintomatologia da SXF como uma combinação variada de características típicas cognitivas, comportamentais, comunicativas, sensório-motoras e fisionômicas entre os membros do sexo masculino de várias gerações da mesma família.

Schwartzman et al (1995) e Bortolotto, Freire & Silva (2009) descrevem acentuada hipotonia motora generalizada que provoca significativa disfunção e alteração da sensibilidade oral, ou seja, a diminuição da tonicidade dos músculos, principalmente faciais, podendo tornar “atípicas”, de forma global, algumas funções estomatognáticas, tais como mastigação, sucção e deglutição das crianças com SXF.

Havendo diminuição na tonicidade<sup>6</sup> muscular pode ocasionar prejuízos à articulação das palavras, bem como sinaliza certa instabilidade da fala. Muito embora essa seja uma característica da SXF, falar sobre instabilidade e estabilidade da fala não deve ser particularizada apenas aos casos sintomáticos. Scarpa (1995) menciona que a necessidade de comunicação entre os sujeitos pressiona a estabilização dada pelas formas da língua, posto que a conversão da língua em discurso expressa sua vitalidade, abrindo espaço natural à instabilidade, e é esse movimento de estabilidade e instabilidade que torna a língua como tal, dinâmica.

Embora as demais áreas afetadas pelo acometimento da síndrome sejam importantes ao desenvolvimento global da criança, interessa-nos aqui focar nas questões linguísticas que envolvem o sujeito com SXF e as relações que ele mantém com seus familiares. Dentre as marcas da linguagem mais singulares nos casos de SXF, encontra-se a ecolalia<sup>7</sup>. No entanto, ela parece estar presente na maioria dos casos.

Sem dúvidas, a ecolalia não é uma exclusividade das crianças com SXF, mas acreditamos no que diz Surreaux (2006) que precisamos considerar as manifestações languageiras como algo próprio do sujeito e instaurar um ponto de vista singular sob o sintoma da linguagem. A autora objetiva, entre outras coisas, instaurar uma concepção de linguagem própria à clínica das patologias da linguagem baseada nas reflexões saussureanas, embora articular proposições quanto à língua em uso e as idéias de Saussure (2012) parece não tenha sido tarefa fácil.

Segundo Kuhn (2006) as abordagens linguísticas acerca das patologias da linguagem mostram-se bastante variadas no Brasil, a partir da reivindicação de Jakobson por uma linguística que se preocupasse com a linguagem em seu nascimento, em seu

---

<sup>6</sup> Tonicidade refere-se a tensão que um músculo apresenta em estado de repouso.

<sup>7</sup> Repetição imediata ou tardia de palavras, frases e expressões ouvidas anteriormente.

desenvolvimento e em dissolução. Além de referir-se à obra de Jakobson (1970), Kuhn (op. cit.) apresenta os trabalhos de Freire (1994), Tubero (1996), Arantes (1997), Lier de-Vitto (2001), Flores & Teixeira (2005) e Surreaux (2006) como integrantes de um conjunto de investigadores que defendem a articulação entre a linguística e as patologias de linguagem. No entanto, as discussões sob o viés enunciativo ainda são escassas no cenário atual.

Acreditamos que a partir da Linguística da Enunciação, tendo como precursores no Brasil os estudiosos Flores e Teixeira (2005), é possível pautar a interlocução dos estudos da patologia da linguagem à linguística, acreditando que a singularidade é a possibilidade do sujeito estar na língua. Embora Benveniste (2005; 2006) não tenha dedicado seus estudos à fala desviante, nota-se que há bastante abertura ao diálogo com a clínica da linguagem, principalmente quando ele fala do homem na língua, sujeito esse que põe a língua em funcionamento por um ato individual.

O sintoma na linguagem foi estudado à luz da teoria enunciativa de Benveniste (op. cit.) que reflete a relação das noções de sujeito e de linguagem. Percebe-se que o caráter médico ainda influencia bastante a clínica da linguagem, onde o “erro” ainda é o ponto central do tratamento (SURREAUX, 2006). Afinal o que é normal ou patológico? Essa é uma discussão antiga e parece cada vez mais atual, mas não pretendemos dar desfecho a ela, nem categorizar polos, mas deixar clara nossa posição quanto ao que consideramos como sintoma da linguagem e de que modo traremos à tona na fala do sujeito no estudo.

Contrário à maioria dos trabalhos sobre a SXF que privilegia os aspectos genéticos, neurológicos e orgânicos da síndrome, o lugar do nosso estudo é trazer à baila a linguagem da criança, diagnosticada com SXF. Através do ato enunciativo, o sujeito se apropria das unidades semióticas disponíveis nas línguas, concomitantemente as atualizam no discurso e as coloca em funcionamento de modo correlacional. A proposta do nosso trabalho é focar nas questões implicadas no sintagma dos elementos implicados na aquisição da linguagem sob a ótica da linguística da enunciação. De acordo com Benveniste (2006) a enunciação é o ato individual de apropriação da língua e que, por conseguinte introduz nesse processo o locutor, que se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor e implanta o *outro* diante de si.

Mediante a vastidão da obra benevistiana, destacamos conceitos-chaves da teoria que nos permite sistematizar alguns princípios teóricos importantes imbricados no sintagma da linguagem, como: estrutura das relações de pessoas e verbos; a natureza dos pronomes; subjetividade na linguagem; a forma e o sentido na linguagem e aparelho formal da enunciação .

No decorrer das discussões, o ato da instauração da criança na linguagem é discutido aqui a partir dos recortes enunciativos, resultados da experiência do processo de constituição da criança com Síndrome do X Frágil como sujeito da linguagem no processo multilíngue a partir de uma relação de identificação na/pela linguagem. Por isso, acreditamos que através do entendimento do movimento linguístico e do reconhecimento da linguagem, é possível compreender um pouco mais sobre a constituição da linguagem e sua relação com o sujeito. Apostamos, ainda, que compreender a produção linguística da criança com SXF como sintoma na linguagem é fundamental para permitir que o possível interlocutor aceite a linguagem do outro a partir dos efeitos que lhe são provocados.

Acreditamos na relevância do nosso trabalho, que está inserido num cenário de escassez de informações quanto às marcas linguísticas das crianças com SXF, ainda que percebemos termos descoberto um território comum de interesses da linguística da enunciação nos estudos da patologia sob o cenário multilíngue, um tanto quanto raro, que coloca em discussão questões antigas sobre língua materna, doravante LM.

Por fim, nossa pesquisa subdivide-se em dois capítulos. Inicialmente procuramos trazer as questões da linguagem na Síndrome do X Frágil, buscando trazer considerações linguísticas e o caráter teórico multifacetado da linguagem. Apresentamos a aquisição da linguagem a partir da relação desse campo com a Linguística da Enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006), trazendo questões da constituição do sujeito, como consideração fundamental do nosso estudo. No capítulo subsequente dissertamos quanto à língua materna e o estar entre-línguas<sup>8</sup>, bem como buscamos esclarecer nossa linha teórica, confrontando as discussões com demais questões relativas ao bilinguismo, multilinguismo e a identidade nas/pelas língua(gem)s.

Não obstante, procuramos entender os deslocamentos linguísticos da criança que deixa seu país de origem e mergulha noutra realidade linguística, que diferente daquela que foi seu berço, apresenta algumas indagações e considerações importantes quanto às imbricações das línguas na constituição do sujeito com SXF, num cenário de pluralidade linguística e cultural brasileira e europeia.

---

<sup>8</sup> Termo introduzido por Coracini (2007) que diz respeito ao sujeito que se depara inscrito numa trama de mais de uma língua.

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa estiveram relacionados com a proposta inicial de discutir a constituição de linguagem no processo multilíngue de uma criança com Síndrome do X Frágil nas/pelas línguas. Desta forma, desenvolvemos este estudo pautado na teoria da enunciação de Émile Benveniste (2005; 2006), embora o autor não tenha elaborado um modelo teórico acabado, mas há princípios que permitem teorizações. Também levaremos em consideração o trabalho de Silva (2009) que discute sobre aquisição da linguagem em uma perspectiva enunciativa, principalmente por acreditarmos que o sujeito se constitui na/pela língua, pois o homem já nasce em um mundo simbolicamente organizado, sendo o “outro” a principal referência para o sujeito na aquisição da linguagem.

E por pensar na linguagem como condição humana é que concordamos com Silva (op. cit.) que diz que a linguagem deve ser concebida de forma singular, com implicações diferenciadas conforme a relação do sujeito com o “outro” e com as línguas.

O objetivo geral da pesquisa é identificar as nuances do processo de constituição da criança com SXF como sujeito, através da identificação na(s)/pela(s)<sup>9</sup> língua portuguesa, alemã (Hochdeutsch) e dialeto (Schwäbisch). O sujeito encontrava-se em um cenário multilíngue no qual a língua portuguesa correspondia àquela do país natal da criança e de sua genitora; o alemão clássico correspondia a língua oficial do país residente, sendo ensinada na escola e por vezes usada na clínica de fonoterapia e de fisioterapia frequentadas pela criança; e o Schwäbisch é apenas um dos diversos dialetos falados pelos habitantes da região sudoeste da Alemanha.

Desta forma, objetivamos o seguinte percurso metodológico específico para fundamentar teoricamente nossa pesquisa: 1) Discutir os estudos sobre Síndrome do X Frágil, sobretudo quanto à linguagem; 2) Sumarizar conceitos e teorias da linguagem e caracterizar o diálogo transdisciplinar que envolve a linguagem; 3) Verificar como se dá o processo de aquisição da linguagem e questões da subjetividade; 4) Esboçar aspectos da identificação na/pela língua em função do exílio da criança emigrante.

Buscamos, também, ilustrar por meio de recortes enunciativos as peculiaridades da linguagem de uma criança diagnosticada com SXF, a partir do relato de experiência vivido

---

<sup>9</sup> Escolhemos usar o termo “na/pela”, porque entendemos que é no terreno da língua que a criança se identifica com o outro e pela língua, veículo, que a criança se estabelece como sujeito e se identifica com outro. Os conectivos não se bastam, mas se completam.

pela pesquisadora durante um período de aconselhamento fonoaudiológico. Deixamos claro aqui que os recortes ilustrativos apresentados em nossas discussões foram selecionados a partir do olhar crítico da pesquisadora quanto aos atos enunciativos e singularidades da constituição do sujeito na/pela língua(gem).

A experiência vivenciada na Alemanha, durante ano de 2013, deu-se num contexto familiar no ambiente domiciliar e demais atividades extras da criança (incluindo o tratamento de linguagem baseada na abordagem behaviorista, realizado por uma fonoaudióloga alemã), sendo observadas, em alguns momentos, marcas dos atos enunciativos.

Para caracterizarmos o sujeito falante da pesquisa, torna-se importante trazermos um pequeno esboço da estória da linguagem de uma criança, que chamaremos <sup>10</sup>de João e que, segundo sua mãe (Maria), é bastante singular. A criança tem onze anos de idade, é brasileira, mas, atualmente, mora numa vila alemã com sua genitora brasileira, pai e avós adotivos alemães. É do sexo masculino e foi diagnosticado na Alemanha com SXF, segundo a Classificação Internacional das Doenças, em sua décima edição (CID-10).

De acordo com sua mãe, João tem histórico de familiares com SXF por mais de duas gerações. Seu pai biológico também é brasileiro, porém falecido desde quando João tinha dois anos. A mãe está atualmente casada com um europeu, Pedro, que levou João e Maria para morar na sua cidade de origem, na Alemanha.

A criança imigrou aos quatro anos sem diagnóstico fechado pela médica neurologista brasileira, que apenas suspeitava de autismo. A mãe desconfiava que houvesse algo “diferente” no comportamento do filho, pois ele falava no máximo quatro palavras, apresentava pouca precisão articulatória, não se concentrava em tarefas minuciosas, parecia não compreender alguns enunciados, mas sempre foi afetuoso e comunicativo, expressando-se por meio de gestos, vocalizações e expressões faciais.

Enquanto bebê, João chorava bastante. Falou a primeira palavra com mais de dois anos de idade e era bastante inquieto. Com três anos de vida, ainda não falava frases complexas, apenas holofrases<sup>11</sup> e fazia muitos gestos para se fazer compreendido.

Segundo a genitora, João se adaptou facilmente à nova moradia e rapidamente enunciou suas primeiras palavras em Schwäbisch, dialeto alemão. Para surpresa de muitos, a criança não falava alemão clássico, que era ensinado oficialmente na escola e instituições.

---

<sup>10</sup> Ressaltamos, ainda, que usaremos nomes fictícios a fim de salvaguardar a identidade dos mesmos.

<sup>11</sup> O conceito de holofrase vem sendo construído desde que foi mencionado pela primeira vez na década de 1970 até os dias de hoje, no geral refere-se “ao uso, pela criança, de enunciados de uma palavra para expressar uma ideia complexa, especificamente uma oração ou uma proposição” (SCARPA, p. 1, 2009).

Percebe-se que a criança se apropria, predominantemente, do dialeto da região (Schwäbisch), quando acompanhado dos moradores da vila, dos familiares e dos colegas da escola e professores. O dialeto falado pelos avós adotivos, bem como expressões de rotina de trabalho do avô transpareceu perceptivelmente na enunciação do João. O contato com os avós adotivos foi essencial para o desenvolvimento do menino, pois os idosos cuidavam dele com carinho e paciência, ensinavam rotinas de vida diária, pequenos afazeres domésticos e na fazenda. A confiança e segurança configurou a fala de João na medida em que se posicionavam como interlocutores atentos ao que a criança tinha para falar.

Mesmo com limitações perceptíveis na linguagem expressiva, João conseguiu estabelecer boa relação com todos os moradores da vila, ingressou na escola na sala com todas as crianças e hoje permanece nas atividades recreativas (passeios com crianças da vila, catecismo, reunião com habitantes do vilarejo etc) oferecidas na região, além de sessões de fisioterapia e terapia fonoaudiológica, em alemão clássico, com profissionais da área.

Muito embora, João mantenha pouco contato visual prolongado, seja tímido e pouco se interessa em iniciar diálogos com pessoas desconhecidas, ele consegue estabelecer diálogo com todos de seu convívio. Apresenta movimento estereotipado de coçar nariz, tocar genitália e mover mandíbula para o lado direito, assim como bater em superfícies planas quando quer chamar atenção sobre algo que não parece o agradar. Também percebemos que ele teve dificuldade em manter atenção nas atividades propostas pela mãe, perceptível déficit na orientação espaço-temporal e marcha atípica. Sua linguagem compreensiva parecia um pouco prejudicada visto que apresentava respostas aparentemente descontextualizadas, bem como, percebemos que houve dificuldade em entender estímulos externos, sejam eles sonoros, táteis e/ou visuais.

Por fim, o encontro de uma criança com diagnóstico de SXF com diferentes línguas e fase de aquisição da linguagem despertou nosso interesse pelos estudos linguísticos procurando articular a Teoria da Enunciação de Benveniste, quanto aos sintagmas da aquisição da linguagem, aos casos de patologia da fala, especialmente quando encontramos uma situação inusitada de um sujeito-enunciador marcado na/pela língua num contexto bi/multilíngue.

A seguir iniciaremos o primeiro capítulo do estudo quando iremos convocar reflexão aprofundada quanto às questões da linguagem e desvios, a fim de traçarmos um panorama geral do que pretendemos estudar.

CAPÍTULO 1  
**LINGUAGEM NA SÍNDROME DO X FRÁGIL**

## 1.1 Características e contextualização

A diversidade dos sintomas da linguagem dos sujeitos com diagnóstico médico de SXF é consenso entre os estudos da área, o que torna a linguagem desses sujeitos bastante característica. É comum encontrarmos nos livros destaque para a lentidão ao emitir respostas, o que influencia no ritmo de aprendizagem e a necessidade do apoio visual para compreensão do enunciado. Cabe-nos aqui trazer um apanhado da literatura sobre a linguagem da criança com a referida síndrome e apresentar perspectiva que evidencie o sujeito e sua singularidade.

Contudo, recorreremos ao que encontramos na literatura para posicionarmos nosso ponto de vista. Quanto à fala, por exemplo, encontramos nos compêndios médicos uma variedade de problemas e podemos afirmar que nos deparamos com proposições genéricas e pouco alusivas às possibilidades de variações. Nessa vertente, os pesquisadores Hargeman & Hargeman (2002) ratificam que a fala das crianças com SXF tem sido considerada peculiar, com omissões, substituições e distorções fonéticas.

Barbosa & Muller (2003, p. 311) acrescentam ainda que a criança com SXF “(...) apresenta alterações significativas quanto aos aspectos de motricidade oral e linguagem, sendo estas: a presença de alterações dos órgãos fonoarticulatórios, como face longa, prognatismo, palato em ogiva e lábios entreabertos”.

Essas alterações citadas, quando ocorrem, indubitavelmente comprometem a inteligibilidade da fala e constituem um considerável distúrbio da fluência. Segundo Brun-Grasca & Artigas-Pallarés (2001) as funções estomatognáticas (sucção, deglutição, mastigação e fonação), uma vez alteradas, causam prejuízos que regram além da fala, como também atingem uma das funções vitais do corpo humano, a respiração, e, por conseguinte, afetam a mastigação, deglutição e demais funções correlacionadas.

Ainda sobre os relatos a respeito da linguagem sob a ótica patológica, é consenso que as crianças com SXF apresentam problemas na sua recepção e expressão, como concluem Giacheti, Costa & Spinelli (1992) após pesquisa realizada com treze sujeitos, que em 100% dos casos foram apontados problemas na emissão oral e mais da metade dos casos revelaram recepção oral prejudicada. Finsch, Holden & Carpenter. (1999), por exemplo, concluíram que os sujeitos afetados pela SXF possuem severo atraso da fala e linguagem semelhante à idade cronológica de quarenta e oito meses.

Desvio fonético, fonológico, ecolalia, frases curtas, pausas e hesitações inapropriadas, frequentes interjeições e monólogos delineiam, em geral, o quadro dos pacientes diagnosticados com a SXF nos receituários médicos, mas muito mais do que isso, percebemos um turbilhão de dificuldades e poucas pesquisas que mostram as reais capacidades e/ou avanços do desenvolvimento da linguagem das pessoas com SXF.

No entanto, apesar de situarmos o leitor quanto à perspectiva atual das leituras que envolvem a linguagem da população sob foco, não seguiremos a vertente pura da classificação pautada na comparação do que é normal e do que é patológico, vigente no pensamento sanitário tradicional. Afinal, propomos uma discussão mais ampla, que venha a significar o sintoma e as relações entre sujeito e linguagem na enunciação. Ou seja, acreditamos que dentre outras marcas linguísticas, que compõem o quadro nosológico da SXF, alguns sintomas devem ser relativizados. Portanto, consideramos os ‘erros’ e produções insólitas como efeitos das operações da língua e nosso compromisso deve ser com a trajetória da constituição subjetiva a partir dos efeitos do funcionamento da língua.

No recorte enunciativo a seguir, podemos perceber a ocorrência que nos levaria claramente a taxar, supostamente, como ‘erro’, mascarando a real situação de enunciação do sujeito.

#### RECORTE ENUNCIATIVO 1:

Contexto: Mãe e filho estavam preparando a mesa do jantar para servir a janta.

	<b>Mãe</b>	<b>João</b>	<b>Cena enunciativa</b>
1	João, o papi ajudou você na tarefinha		A mãe acaricia os cabelos do filho.
2	hoje?		
3		<i>Ja, inha inha.</i>	João responde com voz aguda e melódica.
4		(Sim, ‘inha’)	
6	Que bom! Terminou tudo?		A mãe o coloca no colo.
7		<i>Ja.</i>	João fez gesto com lábios, arqueando-os para baixo.
8		(Sim)	

Podemos ver que na linha 3, João se enuncia em dialeto Schwäbisch, e em alemão clássico também, sendo ambas afirmações pertencentes à ambos sistemas de língua. O que também é intrigante é o fato de que a interlocutora (mãe) inicia o diálogo em português, porém João responde apenas parte em português (inha), muito embora tenha dito apenas o sufixo da palavra ‘tarefinha’, essa palavra não existe nas demais línguas em que João está imerso.

Como afirmou Benveniste (2005, p. 289) “a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas”. A afirmação nos permite concluir que uma análise pautada apenas no ‘erro’ e ‘acerto’ não permitiria facilmente aceitar que houve uma apropriação da língua portuguesa pelo locutor<sup>12</sup>, pelo deslize no eixo associativo resultando na fragmentação (inha).

Sabemos que Benveniste (2006) afirmou que todo homem fabrica sua língua e a fabrica sempre e esse ponto é de extrema importância para discutirmos o processo de aquisição da linguagem e a singularidade da enunciação do homem para se propor como sujeito da linguagem. Essa apropriação da linguagem pelo homem é dada pela série de impressões que ele traduz do mundo ao seu redor. A dinamicidade da língua abre caminhos à renovação e criação de novos conceitos.

Para Lier De-Vitto (2005) as estruturas paralelísticas e repetições remetem, por definição, a um sistema de “correspondências” de construções sintáticas, combinações sonoras e de esquemas prosódicos, que são transformados em significantes em “eco”, abrindo espaço para o equívoco, deixando mover o corpo da fala na voz da criança e que dizem respeito à instância subjetiva da mesma. Nesse alinhavo móvel de repetições (fragmentárias, elípticas, inconclusas), paralelismo, evasões e deslizamentos montam e desmontam enunciados e revelam que a criança, portanto é falada pela língua, ou melhor, na substância material da fala é impregnada de carga subjetiva, como diz Lier De-vitto (op. cit.) aquilo que a ciência persegue “a forma correta” se realiza sob o custo da manutenção da dicotomia entre língua/fala.

Nessa premissa consideramos que a criança está imersa na linguagem, portanto está submetida à estrutura do simbólico, pois o sujeito nunca se esgota de ser sujeito do enunciado. A perspectiva enunciativa citada nos leva a pensar que a ecolalia não é mero acontecimento na fala do sujeito, mas representa sintomas<sup>13</sup> da inscrição do mesmo na/pela língua(gem), para isso, basta percebermos as variações de entonação e volume vocal, pausas, hesitações e alteração do ritmo respiratório dessas produções (LIER-DE VITTO & FONSECA, 2001). Concordamos também com Rêgo Barros (2011, p. 90) quando diz que a “ecolalia é uma maneira peculiar de um sujeito usar a língua e se enunciar”.

---

<sup>12</sup> Na obra de Benveniste os termos homem/locutor/sujeito remetem diferentes sentidos. O termo homem é empregado para designar a instância antropológica, locutor à instância linguística e sujeito um efeito de apropriação da língua feita pelo locutor (FIORIN, FLORES & BARBISAN, 2013).

<sup>13</sup> Para Garcia-Roza (2009, p. 227) “o sintoma é aquilo que está no lugar da palavra, ele é falha no mecanismo de simbolização e, como tal, é o responsável pela descontinuidade na história do sujeito”.

Haja vista a amplitude das áreas afetadas pelo acometimento da SXF e suas repercussões importantes no desenvolvimento global da criança, concordamos com a afirmativa de Lier-DeVitto & Fonseca (op. cit.) segundo a qual devemos afastar nosso olhar da causalidade da síndrome e focar no compromisso com a fala do sujeito, afinal antes do diagnóstico que confirma a SXF ou de uma ontogênese patológica há um sujeito que se constitui no domínio do verbal e que mantém relações únicas com seus familiares.

Para melhor fundamentarmos nossas prerrogativas, pretendemos, em seguida, discorrer a respeito das diferentes perspectivas da linguagem, sobre obra saussureana e sua visão de língua. Além disso, prezaremos por estabelecer distinções de conceitos importantes sob a ótica da enunciação no intuito de conceber melhor o que ocorre de singular na linguagem da criança com SXF.

## **1.2 Linguagem e língua**

Como sabemos, a linguagem sempre foi tema de interesse de diferentes ciências, a exemplo da filosofia, das ciências sociais, da linguística, da psicologia e da fonoaudiologia. O leque de visões que seguem diferentes propósitos possibilitou que cada uma das perspectivas sobre linguagem a compreendesse ou a definisse de modo a atender às necessidades dos seus objetos.

As discussões filosóficas, por exemplo, acompanham os questionamentos sobre o mundo e remontam à Grécia antiga. A linguagem estaria atrelada à razão, ao pensamento. A palavra conduz à ação e serviria à arte de persuasão e ao homem político (FRANCHETTO & LEITE, 2004). “O homem se define pela linguagem e pela razão, o que significa que, sem linguagem, não haveria racionalidade.” (AUROUX, 2009, p. 10) Segundo este autor, a definição de Aristóteles marca permanentemente a filosofia da linguagem:

Os sons emitidos pela voz são símbolos dos estados da alma, e as palavras escritas, os símbolos das palavras emitidas pela voz. E assim como a escrita não é a mesma para todos os homens, as palavras faladas também não são as mesmas, apesar dos estados de alma dos quais essas expressões são os signos imediatos, assim como também são idênticas as coisas dos quais esses estados são imagens. (Da interpretação, 16 a 1-8 apud AUROUX, 2009)

Apesar da ênfase na dicotomia corpo/mente, ao destacar que a escrita e as palavras não são as mesmas para todos os homens, os filósofos introduzem o problema da significação e, atrelado a ele, remete ao social: o sentido da linguagem depende daquele que fala e de sua relação com o mundo, com o contexto.

Segundo Palladino (2002), existem três diferentes modos de conceber a linguagem no âmbito da Fonoaudiologia: o empirista, racionalista e dialético. A primeira visão é difundida, na grande maioria, pela psicologia behaviorista, que compreende a linguagem como processo de aprendizagem e destacam, principalmente, os aspectos funcionais. Quanto à concepção racionalista da linguagem, encabeçada pelo gerativismo de Chomsky (1998; 2009), a linguagem é considerada uma faculdade mental inata.

A dialética, por sua vez, é influenciada pela psicanálise lacaniana que considera as contradições dos fatos não dependem de uma razão que transcende nossa realidade, mas são produtos do nosso modo de organizar nossa produção. Ou seja, a visão dialética privilegia a relação importantíssima entre o homem e o mundo, assim a linguagem interpõem-se às ações do sujeito com o mundo em favor da (trans)formação da consciência desse sujeito, conseqüentemente, como um elemento fundamental para desenvolvimento humano e para a constituição da subjetividade (MIRANDA, 2010).

Na linguística, Lyons (1987) informa que as manifestações da linguagem humana só podem ser compreendidas quando vistas como metáforas, de tão complexas e multifacetadas. Dentre as múltiplas abordagens desse objeto encontramos um ponto de equilíbrio nas considerações de Ferdinand de Saussure (2012) que a partir do século XX, colocou em evidência a necessidade eminente de definir e prover aos estudos da língua, um caráter científico. A proposta de Saussure (op. cit.) durante seus ensinamentos foi chamar atenção dos estudiosos para a necessidade de definir o objeto de estudo da Linguística, trazendo questões muito além do que se pensava na época.

De acordo com Fiorin, Flores & Barbisan (2013, p. 114) “a Linguística científica tem raízes no estabelecimento da bifurcação entre língua (de natureza intelectual, teórica) e fala (de natureza sensível, empírica)”. Afinal, frente ao quebra-cabeça conceitual, que não parecia clara a fronteira limítrofe entre linguagem, língua, fala e discurso, Saussure (op. cit.) optou por estabelecer o objeto real da linguística, a língua.

É possível perceber que o Curso de Linguística Geral (CLG), obra póstuma de Saussure (op. cit.), divulga conceitos basilares de uma ciência, Linguística, cujo objeto, língua, isola e a distingue das demais ciências a partir da definição do seu objeto como fonte para os estudos da linguagem.

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem. (SAUSSURE, op. cit., p.42).

Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. (op. cit., p.46)

Saussure (op. cit.) foi bastante influenciado pelo positivismo científico da época, pois formulou análise teórica e abstrata de fatos sucedidos na/pela linguagem a fim de facultar um objeto de estudo próprio da linguística.

Embora saibamos que foram os alunos de Ferdinand de Saussure que publicaram postumamente uma compilação de reflexões das suas aulas, reunida sob o título “Curso de Linguística Geral”, atribuímos à sua obra a originalidade trazida pelas contribuições do mestre genebriano. Dentre várias inovações, acreditamos que a mais importante foi refletir o modo de apreender o mundo como uma vasta rede de relações.

Os caminhos dos estudos linguísticos da época motivaram à tomada de posição de Saussure (2012) por definir o rumo da ciência da língua para posteridade. A separação dos pontos de vista sincrônicos e diacrônicos foi defendida por ele de forma radical, o que serviu de divisor de águas nos conteúdos linguísticos vigentes do período que tendiam a pura comparação entre línguas em busca da reconstituição de uma língua primitiva.

A contribuição de Saussure (op. cit.) foi adicionar o teor sincrônico aos trabalhos de base diacrônica em vigor, pois para ele o tempo permite que fatores extrínsecos atuem uns sob os outros desencadeando transformações no sistema da língua. Essa distinção feita por Saussure (op. cit.) não deve induzir ao leitor à conclusão de que o autor preferiu um ao outro, mas apenas definir que a sincronia e a diacronia são duas formas distintas de tratamento do fenômeno linguístico a ser escolhido pelo linguista.

A sincronia, para Saussure (op. cit.), não é desprovida da historicidade, pois o funcionamento da linguagem está exclusivamente sob a responsabilidade do fator social, sendo o princípio de ordem do signo limitado às consequências do princípio de mutabilidade (FIORIN, BARBISAN & FLORES, 2013).

Para Saussure (op. cit., p.47) “a língua, assim delimitada no conjunto dos fatos de linguagem, é classificável entre fatos humanos, enquanto a linguagem não o é”. Para tanto, ele definiu língua como sistema de valores puros, produto do coletivo, sobre o qual o indivíduo não teria nenhum poder. Saussure (op. cit.) afirmou que a linguagem é constituída pela língua e pela fala, mas que essa dicotomia não significava subtração, mas sim interdependência. Ele

não ignorou a fala, por isso mesmo deixou clara a distinção língua e fala. Para o autor, a língua pode ser considerada como intermediária ao pensamento humano e os sons que surge de maneira organizada. Isso se deve ao fato de que a língua é forma e não substância, ou seja, as entidades básicas serão sempre estudadas em relação diferencial.

É o caráter dupla face da linguagem que foi ressaltada por Saussure (2012) quando afirmou que um signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem. Ou seja, o significante e o significado estão interligados intimamente como as faces de uma folha de papel, isso indica que todo significado está imbricado à concretude da linguagem.

Essa premissa inicia a discussão quanto aos valores conceituais e materiais dos signos. Segundo Saussure (op. cit.), a definição de signo está colado ao significante pela presença de outros signos, que por exclusão ou oposição determinam o seu significado. Se para cada conceito dado de antemão houvesse um termo exato não seria possível ter diferentes formas de nomear aspectos idênticos da realidade cotidiana em outras línguas. Quanto ao aspecto material, o valor aplicado está presente nas distinções entre fonemas, isso significa que para algumas línguas há maior liberdade para produção do que em outras, muito embora exista um limite de aceitabilidade de alteração na produção fonêmica desde que não afete o valor do termo.

Para Saussure (op. cit.), o sistema de funcionamento da língua se desenvolve por relações sintagmáticas e associativas, em que as primeiras põem valor aos termos que precede ou antecede ao discurso, e a segunda corresponde à memória ocorrendo por associações mentais. Ou seja, “a estrutura interna da língua está fundamentada em um sistema de seleção e combinação involuntária dos signos linguísticos observada durante o fenômeno da fala” (RÊGO BARROS, p. 25, 2011).

Além das contribuições mencionadas, conforme dizem Flores & Barbisan (2013) Saussure direcionou os estudos da linguagem em dois tipos: uma essencial e outra secundária. Para o estudioso, a direção essencial dos estudos da linguagem tem como meta a organismo linguístico interno, excluindo tudo que seja estranho. Ele intitulou de *la langue* a ciência da linguagem e de *la parole* à linguística externa, ou secundária. A segunda direção dos estudos da linguagem, não foi alvo dos estudos saussureanos.

Seja por qualquer motivo, falta de interesse, ou por questão de preferência, ou por não encontrarmos textos do autor quanto às questões da fala, não podemos ignorar a contribuição e repercussão do trabalho de Saussure nos estudos da área até os dias atuais. A

exatidão dessa classificação pode ser mais bem compreendida quando analisamos as concepções de Saussure (op. cit., 55-56) que dizem:

A Linguística externa pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir apertada no torniquete de um sistema.

No que concerne à Linguística interna, as coisas se passam de modo diferente: ela não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria.

Assim, em cada caso, formula-se-á a questão da natureza do fenômeno, e, para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo que provoca mudanças do sistema em qualquer grau.

Segundo Saussure (2012) a perspectiva dos estudos da *la parole* são suscetíveis aos fatores externos da “execução” e que repercutem para além do uso individual da linguagem. Nela encontram-se estudos que se interessam pela mudança, enunciação, discurso, aquisição e por manifestações linguísticas dos falantes. Cada vez mais se proliferam os estudos sobre o uso e que se distanciam naturalmente da disciplina sistêmica, o lugar de refutabilidade de regras, da heterogeneidade, da assistemática peculiar da fala.

No que se refere à ordem da linguagem e da língua, segundo Benveniste (2005; 2006) percebe-se que foram analisadas em favor da generalização sistema da oposição pessoa/não-pessoa. O axioma benvenistiano “O homem está na língua” nos faz concluir que precisamos deixar clara algumas proposições do autor quanto aos termos: língua, linguagem, sujeito, locutor e subjetividade. A definição de língua por Benveniste (2005) é que trata-se de um sistema que inter-relaciona os valores referenciais dos distintivos na instancia da enunciação. Quanto à linguagem, o autor conceitua como faculdade constitutiva do homem vinculada à intersubjetividade.

Assim, Benveniste (2006, p.20) considera o homem totalmente vinculado à linguagem, pois é ele quem a fabrica, complementando que “qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido o mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos.” A afirmação do autor nos parece crucial para entender o processo da aquisição da linguagem num contexto entre-línguas, onde a singularidade da enunciação do sujeito propõem inserção da criança na relação discursiva com o outro de forma peculiar.

No mais, a relação entre fala e falantes se concretiza pela expressão da intenção do falante que acaba por fadar a regularidade do funcionamento universal da língua como ilusória. Para tanto, concordamos com Fiorin, Flores & Barbisan (2013, p. 119), quando assinalaram que a tarefa de teorizar a fala não é fácil, principalmente quando se trata de

enunciados sintomáticos, pois “o falante nada pode fazer, quer dizer, não há recurso cognitivo que o auxilie para alterar a sua fala”.

A respeito da aquisição da linguagem e da fala sintomática é fundamental considerar as questões da linguística da fala, assim como a noção de língua de Saussure foi essencial para solucionar problemas do nascimento da Linguística como ciência. Os erros não só revelam distanciamento da fala do outro, mas também a força do funcionamento da língua na fala. Vejamos no recorte abaixo as marcas da linguagem da criança com SXF, indicativo de que a rigidez da enunciação pode ser contornada quando respeitamos a idiosincrasia de cada criança e a singularidade de cada enunciação.

#### RECORTE ENUNCIATIVO 2:

Contexto: A criança estava sentada no sofá brincando de vídeo game na presença de familiares.

	Avô alemã	João	Mãe	Cena enunciativa
1			João, o que cê tá	João estava movimentando o
2			fazendo?	volante do vídeo game de um
3				lado para o outro.
4				João ficou em silêncio por volta
5				de 40 segundos.
6	<i>Sagt deine Mutter,</i>			A avó e a mãe sorriram.
7	<i>was wir tu!</i>			
8	Fala para sua mãe o			
9	que nós estamos			
10	fazendo			
11		Ti ti ti ti		João falava e rangia os dentes
12		ti		sem ritmo parente.
13		(sem		
14		tradução)		Depois de 10 segundos falou a
15		<i>Audi</i>		marca do carro “Audi”
16		Carro		

Diante do recorte interativo acima podemos perceber que João participa do jogo contextualizando o ato de virar o volante da esquerda pra direita. A mão logo tenta no jogo e chama a atenção da criança, pois obviamente havia percebido que João estava jogando vídeo game. A vocalização (ti ti ti ti ti) de João aparentemente não refere-se a onomatopeia do carro em movimento convencionalizada pelos falantes, mas o movimento gestual de fazer a curva com o carro significou e marcou o lugar do sujeito de forma singular. Embora sua resposta não tenha sido enunciada em português, conforme a pergunta feita na mesma língua pela sua mãe, mas João respondeu em dialeto (marca do carro mais comum da região), deixando o “outro” situado de que se tratava do jogo de corrida automobilística.

Para a análise do recorte enunciativo do referido sujeito consideramos em específico os efeitos da fala sobre o outro, face ao funcionamento da língua, acreditando não ocorre ecolalia, pois não representam blocos fixos da fala. Privilegiamos um possível desmembramento, e que a criatividade na criação sonora abriu caminho para entrada do *outro* (mãe), que estruturado pela linguagem, coloca-a em funcionamento, possibilitando que os deslocamentos iniciais possam resultar em mudanças de posições.

Há, então, uma urgência de se dar à fala estereotipada uma dimensão que a atribua significado e privilegie a escuta às outras marcas (entonações vocais, gestos e outros) que se apresentam simultaneamente a estereotipia e que acabam sendo apagadas pelos efeitos que a fala sintomática produz no ouvinte.

Nós nos interessamos, pois, pelas questões para além do sistema, do convencional, do que pretende ser imutável e julgamos o processo de enunciação substancial. Embora a visão de língua como sistema também esteja presente na abordagem enunciativa de Benveniste (2006, p. 224), o autor reconhece a necessidade de avançar nas questões ainda não regulamentadas, afirmou ainda: “competem-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema de significante”.

Segundo Milner apud Flores (2013), Benveniste é um dos principais estruturalistas, se destacando por produzir um pensamento singular capaz de dialogar com a filosofia, sociologia, antropologia teoria da cultura, lógica etc.

Tomaremos por base as proposições benvenistianas que por fundamentarem-se nos estudos de Saussure (op. cit.), inovaram por seguir a lógica da oposição e interdependência para mencionar a subjetividade na/pela linguagem a partir da relação de pessoa (eu/tu), rendendo ao sujeito maior destaque em seus estudos, evidenciando não apenas as relações entre línguas, mas como o sujeito assume a linguagem e se enuncia.

Para Benveniste (2005, p. 285), a linguagem não é mero instrumento de comunicação e isso torna a discussão muito mais ampla quando o autor desvela que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”. Esse princípio foi inédito para os estudos linguísticos da época, pois a linguagem ensina a própria definição do homem.

Por fim, não pretendemos concluir o inesgotável nem ao menos polemizar o tema, mas precisamos tomar o ponto de partida dos nossos estudos sob a égide enunciativa no intuito de compreender melhor as questões constituição do sujeito e demais processos revelados sobre o processo/ato de enunciação.

### 1.3 Linguagem e enunciação

Inspiramos nas proposições de Benveniste (2005, p. 286), segundo as quais “é na e é pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito ego”.

A concepção de linguagem da nossa pesquisa é a enunciativa de Benveniste (op. cit.), que considera a linguagem como condição e o meio para subjetividade<sup>14</sup>. Desta forma, acreditamos que o processo de aquisição da linguagem está intrinsecamente interligado ao processo de constituição do sujeito, pois de acordo com Benveniste (op. cit., p.285), o homem não pode ser visto como isolado “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a (...) é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem”, ou seja, o homem está na língua, se marca na língua, se faz sujeito na/pela língua.

De acordo com Ferreira Júnior e Cavalcante (2009, p. 302),

o estudo desenvolvido por Benveniste, que trouxe no escopo da sua teoria (se é que é possível tomá-lo no singular) concepções tão caras à Linguística, como o modo de representação do sujeito na estrutura da língua e o processo de enunciação pode revelar sobre o sujeito.

Para Benveniste (2006), adquirir a linguagem é se constituir como sujeito. A criança não adquire a linguagem, como se fosse capaz de controlar esse processo de subjetivação. Dizer que alguém não é afetado pela linguagem é um engano, é como comparar um ser humano ao animal irracional. Negar a subjetividade é considerar que um sujeito não seria afetado de uma forma singular, é excluir a marca da humanidade dele.

Deixamos clara aqui a noção que adotamos de sujeito, que não é psicológico, nem sociológico, tampouco biológico, é esse sujeito na/pela linguagem, àquele que está no próprio exercício da língua. A noção de subjetividade proposta por Benveniste (2005) trata-se da capacidade do locutor se propor como sujeito e isso vêm fundamentar o status linguístico da “pessoa”.

De acordo com Rêgo Barros (2011, p. 56) “o sujeito se constitui pela linguagem, se impõe e se expõe ao fazer uso da língua por meio da fala ou ao fazer uso de outros sinais

---

<sup>14</sup> Para Benveniste (2005;2006) a perspectiva da subjetividade que tomamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito.

(gestos, expressões corporais, figuras...) e firma sua presença, habita a linguagem, tornando-se efeito dela”. Portanto podemos afirmar que somente o sujeito torna real a linguagem.

As proposições benvenistianas nos fazem acreditar que não pode existir linguagem sem que haja um sujeito que se enuncie. Nessa interdependência no discurso, o locutor que se apresenta como “eu” se dirige a um alocutor, um “tu”. Assim, nessa conjuntura de reciprocidade nenhum das pessoas se concebe sem o outro, apenas se complementam e se revezam, pois “a razão da ‘fala’ do sujeito não é que ele disponha de uma linguagem, mas de que esta responda por uma oscilação entre o engano e o não engano introduzido pela relação com o outro” (JERUSALINSKY, 2008, p. 140).

Concebemos a noção de sujeito tal como Benveniste (2005) desenha, aquele marcado pela presença da língua, fundado simbolicamente na/pela linguagem, aquele que se torna sujeito à medida que fala. O sistema no qual os termos se correlacionam, engrenam o mecanismo de movimentação da língua.

De acordo com Benveniste (op. cit., p. 289)

(...) a linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu.

Benveniste menciona a linguagem constituída pela língua e pela fala e isso vem enriquecer nosso estudo a fim de tentarmos analisar de forma sistemática a fala da criança, que de fato é singular, livre, não se repete e está relacionada à categoria do tempo, espaço e pessoa (NORMAND, 2009). Para que a linguagem se transforme em discurso, é essencial que se tenha noção da categoria de pessoa. A organização da linguagem permite aos locutores que se apropriem da língua, cada um ao seu tempo, para designarem-se como “eu”. E esse “eu” é o centro de referência da enunciação e presta-se à função de base da constituição do tempo e espaço no discurso. Sendo a primeira pessoa responsável por situar e organizar o discurso espaço-temporalmente. Assim, os elementos dêiticos (aqui, agora, ali, lá) adquirem sentido baseados na relação intrínseca do contexto da fala no entorno do enunciador.

Flores et al. (2009) afirmam que a categoria de pessoa deve ser entendida como um par linguístico que só existe uma em detrimento da outra,

(...) é indissociável porque não há como enunciar eu sem prever tu, (...) é reversível uma vez que tu pode tornar-se eu pela tomada de palavra; (...) único, entendendo-se unicidade como ausência de repetição e de pluralidade; é opositivo à não-pessoa-ele. (FLORES et al, op. cit., p. 186-187)

No capítulo “A natureza dos pronomes” da obra *Problemas de Linguística Geral I*, Benveniste (op. cit.) traz desdobramentos heurísticos, embora não simplista, do seu pensamento sobre a linguagem, que ultrapassam os limites da linguística. Para Benveniste toda linguagem põe o sujeito frente às duas oposições: ‘eu’ ou ‘tu’; e frente à ‘não-pessoa’ (ele).

Foi Benveniste (op. cit., p. 281) quem deu a consistência linguística do ‘eu’, sendo um termo que só pode ser significado na instancia do diálogo, “em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor”. Para o autor a instância do “eu” no discurso pode ocorrer por duas vias de conjugação, uma como referente outra como referido.

Já o indivíduo alocutado, assume instância linguística “tu” no discurso. A terceira pessoa é diferente em função e natureza das primeiras pessoais, pois tem função de representação e substituição, “representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa”, são inteiramente diferentes do “eu” e do “tu”, se comporta como qualquer referencia da instancia do discurso, não é reflexiva a instancia do discurso e comporta um numero grande de variantes pronominais ou demonstrativas. Podemos dizer que o “ele” pertence ao nível sintático da língua.

Esse caráter sistemático e organizado da linguagem faz com que os indicadores só se disseminem na eminência do discurso por processos variáveis de acordo com o idioma.

Um enunciado pessoal finito se constitui, pois, sobre um plano: emprega a função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos, e organiza essas referências de objeto com a ajuda de indicadores auto-referenciais correspondentes cada um das classes formais que o idioma reconhece (BENVENISTE, p. 282, 2005).

Dufour (apud Teixeira, 2005) resume que o sistema de pronomes é uma espécie de língua de acesso a outra língua. Para o filósofo os elementos “eu” e “tu” são como conchas vazias que se completam na enunciação, pois falar consiste em trocar a capacidade de utilizar o eu e de preencher conchas vazias, e mais do que isso, é colocar a relação da linguagem com o homem no axioma das discussões centrais.

Quanto aos os dêiticos, embora tenham um lugar na língua, são categorias vazias e subjetivas, pois só adquirem regimento na e pela enunciação do “eu”. Benveniste apud Flores (2013, p. 95) menciona que a dêixis “não é a propriedade que uma palavra tem de se referir a um objeto do mundo”, de maneira oposta, sua idiosincrasia decorre da coexistência com a categoria de pessoa. Dêixis são indicadores que revelam a organizam das relações espaciais e temporais em volta do sujeito que enuncia, portanto eles aproximam o enunciado à

enunciação, propiciando a instauração do ato de fala ao locutor (BASTARRICA, OLIVEIRA e SURREAUX, 2012).

Conforme explica Flores et al (2009) o conceito de enunciação sofreu algumas alterações na definição no decorrer da obra de Benveniste (2005; 2006), se trata de um tema multifacetado, que foi desenvolvido e ainda vem sendo estudado ao longo de anos por diversas vertentes contemporâneas. A construção da definição de enunciação por Benveniste não é contraditória, mas ganha nuances diferentes conforme o tema ao qual esta correlacionada. Afinal, ser entendido apenas como atos particulares reduziria a complexidade do tema indevidamente. Atualmente foi relacionado à complexa relação de categorias (pessoas, espaço e tempo) que instauram o diálogo.

A enunciação mereceu destaque na obra de Benveniste, que deve ser entendida como uso da língua ou conversão da língua em discurso, realização individual da língua. Conclui Benveniste (2006, p.82) “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

Diante dos aspectos teóricos da perspectiva enunciativa de aquisição da linguagem procuramos dialogar com os dois campos do saber: Aquisição da linguagem e Linguística enunciativa, por serem complementares no tratamento das questões da fala, especialmente a sintomática. A relação entre as teorias da aquisição da linguagem e a enunciação foi baseada nas reflexões e proposições de Silva (2007; 2009) e Ferreira Júnior (2014), que trata da aquisição da linguagem em casos de desvio de linguagem.

A seguir pretendemos apresentar uma cena enunciativa em que podemos tratar do ponto de vista linguístico a relação eu/tu do jogo intersubjetivo.

### RECORTE ENUNCIATIVO 3:

Contexto: A criança estava conversando com um dos habitantes da vila onde morava e por vários momentos esmurrava a mesa de madeira posicionada à frente dele enfatizando que estava irritado por ter que capturar as galinhas do avô que saiam pela porteira do galinheiro que deixara aberta.

	Habitante	João	Cena enunciativa
1	<i>Magst du</i>		O assunto foi iniciado quando o rapaz perguntou em dialeto ao João se ele gostava de animais.
2	<i>Tiere?</i>		
3	(Você gosta		
4	de bichos?)		
5		<i>Ja, ja. Gestern hab i de Schlupft</i>	João lembrou-se do ocorrido algumas semanas atrás, quando estava na fazenda do avô e tentava
6		<i>zumache wolle, dann is do ä Huhn</i>	
7		<i>wieder rausgsprunge.</i>	
8		<i>Menschenskinder!</i>  batida na mesa	

9		<i>Dann hab i des Viech wieder einfange müsse. Ä Sauviech is dès!</i>	copiosamente resgatar as galinhas que fugiam do galinheiro.
10		<i>Des is überall hingrennt, nur net in de Stall.</i>	
11		Sim, sim. Ontem eu queria fechar a	
12		porteira aí a galinha fugiu	
13		novamente. Inacreditável! Aí eu	
14		tive que pegar ela. Ela correu por	
15		todos os lugares, mas nunca para	
16		dentro do estábulo. Você não	
17		acredita! Isso que é um bicho ruim.	
18		Daí eu tinha que colocar ela no	
19		estábulo de novo.	
20			
21			
22	<i>wirklich?</i>		
23	Sério?		
24		<i>Naja!</i> Claro!	

A presença da criança foi atestada no recorte acima. Vimos, também, que o esforço de João para conter a fuga dos animais foi demasiado e parecia não ter fim, assim mesmo podemos fazer alusão à linguagem, pois é impossível conter o todo da linguagem, ela é evanescente, escapa ao sujeito. O sujeito pensa que a captura, mas é capturado por ela, como numa busca sem fim. Com sofrimento, João parecia se entregar ao cansaço, mas relutantemente batia com mais força na mesa e afirmava que tentou conter as galinhas no estábulo.

Diante do acontecido verificamos a contradição com o que dizem os compêndios médicos sobre a linguagem das crianças com SXF, sendo consenso geral que essas crianças apresentam problemas na recepção e expressão da linguagem, além de apresentarem distúrbio da fala, ecolalia, interjeições dentre outras sintomas da fala. No entanto o que vimos foi uma criança capaz de enunciar na língua e ser correspondida, onde os estranhamentos deram lugar à aposta do outro no sujeito que enunciou.

Percebemos que ao se enunciar no dialeto Schwäbisch o sujeito é acolhido, ocupa seu lugar na língua, não há o ressaltado dos “erros”, pois mesmo que não obedeça às regras da língua oficial alemã, a criança preferencialmente se enuncia por ela. Ora, como em toda língua o locutor a movimentada, fabrica e brinca com as possibilidades da língua sempre mediada pelo outro. A operação principal que podemos perceber no recorte acima citado é a convocação do outro pelo sujeito, além da percepção do efeito que seu lugar de enunciação provoca sobre esse outro.

Apoiando-nos na Teoria enunciativa dissertamos a seguir quanto ao sintagma da aquisição da linguagem: sujeito e linguagem, à luz dos preceitos teóricos de Benveniste que

além de permitir discutir a aquisição da linguagem sob o foco da subjetividade, também considera a posição do outro como fundamental na escuta e significação dos enunciados do sujeito.

#### **1.4 Aquisição da linguagem no contexto da enunciação**

A nossa pesquisa esta inserida nos estudos do fenômeno da aquisição da linguagem no quadro teórico da Linguística da Enunciação de Benveniste (2005;206), também, a partir dos trabalhos de Silva (2009), que enfatiza o olhar enunciativo sobre a aquisição da linguagem bem como mostra o ato da inscrição do sujeito na/pela linguagem. Interessamos-nos pelas questões subjacentes ao processo de aquisição da linguagem, como a constituição da criança como sujeito a partir da sua interação social. Dentre as várias vertentes da aquisição da linguagem cremos que essa é a que responde melhor às indagações sobre o tema singular do processo de apropriação da linguagem por meio das diferentes formas estabelecidas na relação com o outro e de como um sujeito constitui-se na estrutura linguística.

Inicialmente é importante situar as proposições de Benveniste na leitura de Silva (2007; 2009) referentes a teoria da enunciação e acontecimento da aquisição da linguagem para contextualizar nossa pesquisa. A autora destaca o olhar fundamental sobre a forma singular com que cada criança se inscreve na/pela linguagem, como sujeito. A autora considera sujeito e linguagem indissociáveis, portanto abordar o sujeito é considerar a relação com a realidade que ele cria e recria a cada ato da enunciação.

Essa abordagem teórica de Silva (op. cit.) sobre a aquisição da linguagem toma por base a teoria da enunciação evidenciada nos estudos de Benveniste (2005; 2006) que descreve pormenores do processo enunciativo. Para o autor a enunciação é colocar a língua em funcionamento através do ato individual de uso, é transformar a língua em discurso, é estabelecer relação com o mundo por meio do discurso. Fica claro que a fala é o lugar de emergência do sujeito. O nosso compromisso aqui é a relação sujeito-língua, que é fecunda pela ordem própria da língua e pela instância subjetiva por ela instituída.

Para colocar em relevo o par “enunciação” e “aquisição da linguagem” nas discussões enunciativas, Silva (op. cit.) propõe falar sobre diferentes aspectos envolvidos no ato enunciativo, são eles: 1) delimitações dos campos da enunciação e da aquisição da linguagem; 2) olhar para o sujeito da enunciação e da aquisição da linguagem; 3) apresentar as

relações diádicas e a intersubjetividade da/na enunciação e aquisição da linguagem; 4) atribuições da estrutura eu-tu/ele para fim de constituição de referências linguísticas; 5) destacar a existência das alteridades que constituem os atos enunciativos e formações de dispositivos trinitários<sup>15</sup> (eu-tu/ele) - ELE de enunciação e aquisição de linguagem.

O percurso teórico de Silva (2009) culminou na construção de uma metodologia enunciativa a serviço da aquisição da linguagem, além de parametrizar as pesquisas a cerca do heteróclito corpus oral das crianças e traçar um diálogo entre teoria enunciativa e a análise dos dados.

A noção de irrepitibilidade também é trazida por Silva (2007; 2009) como importante fundamento da proposta de Benveniste que atribui um caráter transversal à enunciação e diz respeito a apropriação do aparelho formal da enunciação pelo sujeito dentro de condições distintas de pessoa, espaço e tempo que se correlacionam na instância do discurso. As variáveis de pessoa, espaço e tempo são instauradas por intermédio das condições da enunciação. Ou seja, o dispositivo trinário eu-tu/ele somente existem na instância do discurso, ou seja, só existe um “tu” porque existe o “eu” e assim reciprocamente.

A noção de dêixis trazida por Benveniste (2005, p. 279) diz que

não adianta nada definir esses termos e os demonstrativos em geral pela dêixis, como se costuma fazer, se não se acrescenta que a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contem o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância do discurso a qual se refere.

Concordamos com Silva (2009, p. 154) que a “abordagem do objeto com o sujeito nele incluído não permite falar de repetição e de homogeneização dos dizeres, já que cada enunciação é sempre única e irrepitível”. A enunciação foi assim caracterizada porque inclui o sujeito, pois a cada vez que a língua é enunciada as condições de tempo, pessoa e espaço são singulares, ou seja, o pronome “eu” diz respeito ao locutor, porém sempre haverá uma referência diferente a cada instância do enunciado.

Para Benveniste (2006, p. 93), a constituição do sujeito acontece pela instância da intersubjetividade, a linguagem exige a existência do outro, como afirma o autor que “(...) a linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem”. O acesso do sujeito no simbólico da língua acontece à medida que ele se instaura como sujeito enunciativo ao passo que também funda e atesta o outro.

---

<sup>15</sup> O dispositivo trinário refere-se ao sujeito, língua e cultura.

Silva (2009, p.7) acrescenta que a criança “(...) produz uma história de suas enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, deste modo, como sujeito da linguagem”. Consideramos, então, a ideia de que o sujeito é constituído pela heterogeneidade fundadora que deixa marcas no seu enunciado.

Por fim, acreditamos que a maneira singular que a criança com SXF se inscreve na/pela língua(gem) só pode ser melhor compreendida quando possibilitamos o diálogo entre o estatuto do sintoma da linguagem e a linguística enunciativa. Apesar de Benveniste (2005; 2006) não mencionar a fala sintomática em seus estudos, percebemos as marcas do sujeito no processo de enunciação presentes na linguagem. Assim, essas e outras considerações quanto ao que ocorre na fala sintomática não dão conta da complexidade do tema, mas parece ao menos nortear estudos para que cada vez mais possamos considerar a singularidade do sujeito, independentemente dos prováveis desvios ou limitações das crianças, impostas pelos laudos e compêndios médicos.

Prosseguimos as discussões quanto ao sintoma da linguagem no sentido de relegar o estatuto de “falha” e potencializarmos as manifestações de linguagem como efeito da interação entre sujeitos. Vemos que o sintoma na fala é o que leva o sujeito à clínica, que causa sofrimento, que o isola dos demais falantes da língua e deixa marcas desse enlaçamento peculiar à sua fala. Lier De-Vitto (2005) diz que a existência de um sintoma na fala acaba por descostura o laço social, pois põem em cena uma fratura, tanto na ilusão de semelhança quanto ao imaginário de que se está no controle da palavra.

Ainda de acordo com as autoras, acreditamos que a fala que produz efeito de patologia na escuta do outro, inevitavelmente, causa efeito bumerangue e acaba afetando de volta àquele que fala. Esse movimento implica no isolamento dos outros falantes da língua, produz efeito de perda de “vez e voz”, e ilusão de ser senhor do dizer.

Surreaux (2006) diz que saber lidar com a patologia em si não é o suficiente, pois os sinais audíveis, visíveis, jamais darão conta de desenhar de forma particular como o sujeito está na linguagem. A falsa sensação do terapeuta de estar no controle da terapia cai por terra quando emerge o singular, o inesperado, o que nem sempre é previsível. Para a autora, a clínica da linguagem deve priorizar o inusitado, não apenas o padrão patológico já esperado. Para ela, o terapeuta da linguagem deve considerar qualquer formação languageira como possível, sendo essa escuta diferenciada um potencializador da produção criativa do sujeito. “Se o sujeito é sempre feito de seu próprio dizer, é necessário analisar quais as

particularidades dos efeitos que causam uma fala sintomática no dizer daquele que enuncia.” (SURREAUX, op. cit. p.176).

Trazemos à discussão o episódio a seguir onde vemos que embora os enunciados da criança em questão sejam curtos, a criança se inscreve na/pela língua, mesmo tendo dificuldade em construir frases simples e não utilizando partículas conectivas entre orações no período. E isso ocorre porque “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, p.84, 2006).

Podemos perceber que João se identifica na/pela língua dos avós e enuncia-se como sujeito. Essa proposição foi retratada no seguinte enunciação:

#### RECORTE ENUNCIATIVO 4:

Contexto: Mãe, avó e filho estavam na fazenda dos avós quando era servida a sobremesa.

	<b>Avó alemã</b>	<b>João</b>	<b>Cena enunciativa</b>
1	<i>Willsch nen Nachtisch?</i> (Quer sobremesa?)		Avó adotiva de João preparou uma sobremesa e perguntou ao neto se ele gostaria de comer um pouco da sobremesa que preparou.
2			
3			
4			
5		<i>Bappsüß gern?!</i> (Muito doce, né?!)	João colocou a colher cheia na boca, falou em alto volume a expressão idiomática que existe apenas no dialeto <i>Schwäbisch</i> .
6			
7			
8			
9	<i>Genau!</i> (Verdade!)		A avó e a mãe sorriram.

Nesse momento percebemos que a opinião do João foi autêntica e não foi apenas repetição de enunciado. Ele se apropriou da língua e a colocou em funcionamento, ou seja, o “eu” (João) em oposição ao “tu” (avó adotiva) se apropriou da língua e se enunciou.

De forma inconscientemente, a criança defronta-se com a ordem própria da língua e a alteridade em relação ao indivíduo, ela parece perceber que seus enunciados não pertencem somente a ela e que esse sistema é dotado de regras. Benveniste (2006, p. 20) afirma que “a criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende sua língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem”. Tal afirmação nos permite concluir que João se apropria da língua por resultado de diversas conquistas e próprio lidar com a língua.

No recorte enunciativo, podemos perceber que a criança já se inscreve no/pelo dialeto, mesmo que seu enunciado não esteja nas normas esperadas pela avó, mas é compreendido e reforçado pela avó no dialeto Schwäbisch, sendo tal acontecimento divergente ao que traz a literatura quanto à inteligibilidade da fala da criança com SXF, que caracterizaria tais erros como um distúrbio de fluência nessas crianças.

Vemos que foi criada uma realidade discursiva na qual o sujeito se enuncia. Nessa vertente, podemos concluir, baseando-nos em Ferreira Júnior e Cavalcante (2014, p. 305), que “é o movimento do discurso, isto é, a enunciação, que recria indefinidamente o sujeito, que é ele mesmo efeito da linguagem”.

As formas da língua assumidas pelo sujeito passam a constituir o discurso e a relação que o interlocutor tem com o outro mostram que os atos reinserem os interlocutores em novos tempos e circunstâncias, e evidenciam o funcionamento subjetivo, intersubjetivo e referencial da linguagem (SILVA, 2009). A unidade constitutiva foi estabelecida pela relação eu-tu por meio da qual houve o preenchimento do lugar enunciativo pelo menino.

Assim, chama-nos atenção ao fato de que podemos discordar da maioria dos compêndios médicos, focados na doença, que dissertam a respeito do quadro geral da SXF afirmando categoricamente que a linguagem da maioria dessas crianças é marcada pelo erro, desvio fonético, fonológico, ecolalia, hesitações e pausas inapropriadas. Baseado nos estudos de Silva (2009), afirmamos que o que vimos foi uma situação de enunciação constituída pela relação de interlocução do sujeito (João) com outro (avó adotiva). Esse enunciado foi um ato novo (não repetido), as formas e funções da língua foram utilizadas. A instância foi marcada pelo enunciado do locutor que acabou por convocar o interlocutor a se inscrever no ato enunciativo.

A tentativa de restaurar a homogeneidade ameaçada ou de normalizar o que se desviou é um caminho natural e aparentemente menos complexo do que a busca da fidelidade ao compromisso com a singularidade da fala da criança. Assim, concordamos com Ferreira Júnior (2014) que o compromisso da Linguística com as questões da linguagem afetada por transtornos deve ser inadiável. Nessa perspectiva enunciativa, buscamos no capítulo seguinte levantar questões da natureza da linguagem, além de convocar a criança a instanciar-se na enunciação, perceber a possibilidade da constituição da mesma como sujeito de alocação ao longo de uma trajetória cheia de encontros e desencontros com línguas.

CAPÍTULO 2

**LINGUA MATERNA, BILINGUISMO E MULTILINGUISMO**

## 2.1 Língua(s) e Língua Materna

“Quem não sabe línguas estrangeiras  
não sabe nada de si próprio”

Goethe.

Para além de falar em “língua”, pretendemos também falar das “línguas” e a diversidade delas. Para Saussure (2012, p. 253) o que “(...) surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro”. Para o autor, essa diversidade se dá não apenas ao fator tempo, mas também ao espaço, o que torna indispensável para tomada de consciência do falante de sua própria língua. Somos levados instintivamente a fazer analogias entre idiomas quando damos conta de que existem outras línguas diferentes da nossa, mesmo que aparentemente possuam parentesco que refletem traços próprios da comunidade.

Para Saussure (op. cit.) dois idiomas podem divergir entre si por pequeno grau, o que ele chamou de dialetos, diferindo da língua apenas pela quantidade, mas não pela natureza, podendo inclusive coexistir lado a lado num mesmo lugar, sem se confundirem. Segundo o estudioso, a superposição de línguas deve-se ao movimento de invasão de povos, ou colonização, nomadismo, e demais penetrações pacíficas que trazem consigo, dentre outras bagagens, a sua linguagem.

Conforme diz Saussure (op. cit., p. 258) “a língua conhece apenas dialetos, nenhum dos quais se impõe aos demais, pelo que ela está destinada a um fracionamento indefinido” não obstante a civilização progride e por convenção um dos dialetos faz-se veículo dos interesses do povo. Quando um dialeto é eleito língua oficial deixa para trás privilégios de antigamente e assumem novos elementos dialetais de outras regiões. No caso do dialeto Schwäbisch, praticado na região sudoeste da região Baden-Württemberg da Alemanha, apresentam diferenças enormes comparadas ao alemão clássico (Hochdeutsch).

A ideia de movimento geográfico e a diversidade na língua não pode deixar-nos pensar que o idioma se modifica sozinho, tampouco permanece imóvel. Portanto, a unidade de idiomas com aparente parentesco só pode ser achada com o tempo, pois a movimentação natural é atribuível, ao meio bem como determina a direção de manifestações particulares, portanto “a diversidade geográfica é, pois, um aspecto secundário do fenômeno geral” (SAUSSURE, op. cit., p. 262).

Os dialetos apresentam idéias distintas quando comparados aos idiomas, pois os resultados das transformações naturais dos dialetos se propagam de forma correspondente a cartografia linguística de cada dialeto. Poucos quilômetros de distância entre povos que falam dialetos diferentes apresentam particularidade fonéticas, lexicológicas, morfológicas, também distintas.

Saussure (op. cit., p.268) resume a dificuldade em diferenciar língua e dialeto, quando diz que:

“frequentes vezes, um dialeto tem o nome de língua porque produziu literatura; é o caso do português e do holandês. A questão da inteligibilidade desempenha também o seu papel; dir-se-á muito bem, de pessoas que não se compreendem, que falam línguas diferentes. Seja como for, línguas que se desenvolveram num território contínuo, no seio de populações sedentárias, permitem verificar os mesmos fatos que os dialetos, numa escala mais vasta; encontram-se ali as ondas de inovação, somente que abarcam um terreno comum a várias línguas.”

A relação íntima entre língua e dialeto acaba por formar uma cadeia ininterrupta de áreas linguísticas, muito embora haja choque entre as fronteiras dos grupos de idiomas, ao contrário de fundirem-se. Entretanto, consideramos dois idiomas aparentados, sob o aspecto positivo de sua solidariedade e não mais sob o aspecto negativo da diferenciação entre eles. Assim, vimos que idiomas vizinhos podem comungar de particularidades comuns, sem formar um grupo a parte num grupo, e cada um deles estar vinculado aos idiomas contíguos por outros caracteres e assim por demais.

Contudo, me parece importante mencionar conceitos da LM, no sentido de posicionar nosso pensamento no lugar que privilegie a subjetividade na/pela aquisição da linguagem. Iniciamos por Silva (2012) quando diz que apesar da terminologia Língua Materna (LM)<sup>16</sup> remeter aos conceitos de língua nacional, língua da mãe, algo memorizado, não é tão fácil explicar a noção de LM, haja vista que nem todas as crianças nascem num país onde a língua social é a língua materna dos seus pais. Além dessa questão, sabemos que existem países bilíngues, dentre outras situações como filhos de imigrantes e nômades. Portanto a denominação “materna” atribuída à língua é apenas uma alusão incerta e distante, determinada pelos vestígios obsoletos da relação linguística com a mãe (JERUSALINSKY, 2008).

Começamos pelas definições de LM, que para Moraes (1999), não é a mesma que a língua nacional, não aquela que pertence à mãe, mas aquela que inscreve o sujeito na/pela linguagem. A autora diz ainda que “é sobre a escrita da LM que as outras línguas se arranjam”

---

<sup>16</sup> Utilizaremos a sigla LM e LE durante a leitura para nos referir à Língua Materna e Língua Estrangeira, respectivamente.

(MORAES, op. cit, p 126). Sob essa ótica, a LM pode ser considerada como “responsável por inaugurar a passagem para demais línguas” (BRAZÃO 2010, p.71). Assim, vemos que a LM não é “materna” no sentido usual do termo, pois há sentidos interditados, sentidos inscritos no inconsciente.

A LM, segundo Fink (1998), é exatamente aquela da constituição do sujeito, que verdadeiramente funda o sujeito. Ela estabelece a relação com a língua estrangeira, no entanto, constrói-se uma ilusão de monolíngua absoluta, transparente, que só existiria como construção imaginária, pois as irrupções esporádicas no fio do discurso resvalam inconscientemente à heterogeneidade do enunciador.

Para Melman (1992), saber uma língua materna é ser falado por ela, isso indica que “conhecer” e “saber” uma língua são movimentos distintos. Podemos dizer que a língua materna é única, inesquecível, nunca silenciada, ela transparece na superfície da fala, mesmo quando uma língua estrangeira é falada. Concordamos com o autor quando diz que a “língua materna é a língua que interdita e imaginariza a mãe, é a língua do desejo” (MELMAN, 1992, p.70). Para o psicanalista francês, “essa língua chamada “materna” pode não ser a da mãe, a língua “estrangeira” pode até ser familiar, mas elas não serão jamais da mesma ordem” (MELMAN, op. cit., p.215).

De acordo com Silva (2012, p. 35) “dizer que a linguagem é afetada pelo desejo<sup>17</sup> dos pais significa dizer que a língua materna é um recorte carregado de carga afetiva”. O autor afirma que é possível reiterar que a criança é falada antes do nascimento e desde então, seu corpo é tocado pelos fonemas, palavras dos outros e que, por sua vez, permanecem no pensamento.

Diante da diversidade das línguas e da força dos efeitos do tempo e do espaço que influenciam na evolução das mesmas, propomos centrar o estudo pautado na perspectiva do falante, todavia sem desmerecer o método retrospectivo que propõem reconstituir um quadro prospectivo da língua. Contudo, a Linguística sincrônica nos serve de forma objetiva,

---

<sup>17</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p.114) “Freud não identifica a necessidade com o desejo. (...) a concepção freudiana do desejo refere-se especialmente ao desejo inconsciente, ligados a signos infantis indestrutíveis. (...) J. Lacan procurou recentrar a descoberta Freudiana na noção de desejo e recolocar esta noção no primeiro plano da teoria analítica. Nesta perspectiva, foi levado a distingui-la de noções com as quais muitas vezes é confundida, comas necessidade e demanda. (...) A necessidade visa um objeto específico e satisfaz-se com ele. A demanda é formada e dirigida a outrem. Embora incida ainda sobre um objeto, este não é essencial para ela, pois a demanda articulada é, no fundo, demanda de amor. (...) O desejo nasce da defasagem entre a necessidade e a demanda; é irredutível à necessidade, porque não é do seu fundamento relação com um objeto real, independente do sujeito, mas com a fantasia; é irredutível à demanda na medida em que procura impor-se sem levar em conta a linguagem e o inconsciente do outro, e exige absolutamente ser reconhecido por ele.”

principalmente para pensarmos no que acontece com o sujeito imerso no ambiente entre línguas, que se constitui nesse interstício, nesse entre-meio. Tomamos a língua enquanto materialidade, considerando que a possibilidade de deslize ou equívoco são intrínsecos à sua estrutura, sempre falho, permite deslizes do sujeito.

Propomos aqui pensar a relação do sujeito nas línguas, inserida num contexto de imigração, levando em consideração a constituição híbrida, heterogênea e conflituosa de identidade, lembrando que o sujeito não é qualquer falante, mas é um sujeito que enuncia do lugar entre-línguas, que tem diagnóstico de SXF e, portanto, é um sujeito marcado por deslocamentos, estranhamentos, encontros e desencontros na língua.

A exposição da criança a mais de uma língua não tem trazido problemas que impeçam a constituição subjetiva na/pela linguagem (JERUSALINSKY, 2008). A relação do sujeito com a Língua Materna é modificada conforme o movimento das matrizes identificatórias e provavelmente não é o mesmo após relação de contraposição e interdição pela Língua Estrangeira. A identificação na e pela língua alude à constituição do sujeito na e pela linguagem.

Segundo Derrida (2001), não há puramente língua materna, pois não há língua que se possa habitar, nem mesmo que seja natural ou própria. Na perspectiva do autor a relação do sujeito com a língua é sempre conflituosa na medida em que causa constante estranhamento, seja numa “língua materna” ou noutra “estrangeira”. O processo de “vir a ser falante” é doloroso e deixa marcas na linguagem. Conforme diz Teixeira (2005) o movimento constante de vir-à-ser é interminável e em função disso o sujeito vai se constituindo pelo que faz barreira à língua, no que pode resistir e no que sempre escapa, como no recorte enunciativo a seguir.

#### RECORTE ENUNCIATIVO 5:

Contexto: João, a mãe e a pesquisadora estavam a caminho da clínica para tratamento fisioterápico.

	<b>Pesquisadora</b>	<b>Mãe</b>	<b>João</b>	<b>Cena enunciativa</b>
1			<i>Was machst Du?</i>	João perguntou à pesquisadora o que ela estava fazendo.
2			(O que você faz?)	
3				
4	Nada. E você?			Ela entende o enunciado e responde em português.
5	O que você está			
6	fazendo?			
7				
8				Ele não responde e muda o olhar para outra direção. Veja que há uma fuga do sujeito ao escutar
9				
10				
11				
12				

13 14				a pergunta em português.
15		Você está bem?		
16	Não, estou tonta.			
17 18			<i>Naja</i> (Ah sim)	João olha para a pesquisadora.
19 20 21 22 23 24		O que foi que aconteceu? Você está bem?		Quase passados três meses a contar do último episódio, a pesquisadora feriu seu polegar na porta do carro.
25 26 27	Ai!			Pesquisadora não respondeu à mãe de João.
28 29			<i>Nein</i> , Tonto. Não, tonto.	

Nesse recorte, assim como em outros momentos, acreditamos que houve distinção nítida de “pessoas” na enunciação por parte da criança, que, por um breve momento, falou em português com a pesquisadora, citando o mesmo vocábulo que foi dito por ela há três meses, o que mostra que João se identificou com a pesquisadora e solidário a mesma enunciou em português, posto que a pesquisadora se enunciativa apenas em português.

O trecho da fala da criança não fora mera repetição, pois ela alterou o gênero da palavra (tonto), diferente da forma apresentada anteriormente (tonta) e utilizou palavra em alemão clássico (*nein* = não) que indica o conflito babélico do estar entre-línguas. O enunciado que pode não ser uma ecolalia, contrariando o discurso médico que informa a presença da ecolalia na linguagem da criança com SXF. O termo “*nein*” faz parte da língua alemã significando não. Logo a criança construiu: *não tonto*. Ela se enunciou fazendo uso de dois sistemas linguísticos mudou o gênero da palavra tonta (inseriu tonto) e, ainda, transcendeu o sentido da palavra tonto, pois a resignificou a partir de um possível desconforto.

De fato, a criança se enuncia nas duas línguas em questão, portuguesa, alemã clássica e predominantemente em dialeto Schwäbisch, quando em contato com habitantes da vila onde mora. Ora, verificamos que João também se enuncia no Português, principalmente quando percebe que a pesquisadora só se dirige ao menino nessa língua. É indiscutível que João estabelece a relação mundo-discurso e marca sua entrada no simbólico da língua portuguesa também e representa os referentes do mundo por palavras no discurso.

A inscrição do sujeito em questão, na língua portuguesa, causa sentimento de estranhamento entre o conhecido e o familiar, que ao mesmo tempo afeta e incomoda. Afinal a língua portuguesa é aquela que faz lembrar vivências fatos esses que ficaram marcados do tempo em que seu pai morrera, sua mãe trabalhava muito e não dispunha atenção integral, idas

frequentes aos hospitais (alergias, problemas respiratórios e demais consultas e exames na tentativa de “fechar” diagnóstico) provocando efeitos e constituindo identidade.

Sob a perspectiva benvenistiana exposta no “aparelho formal da enunciação”, o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. A presença da pesquisadora, falante da língua portuguesa, parece provocar alterações na fala de João e isso nos faz comprovar a inserção da criança na relação discursiva com o outro.

A contradição na escolha de palavras põe em questão a contradição inerente a sua subjetividade, o que acaba por denunciar que o sujeito está no entre-lugar, no entre-línguas. Com base nos registros enunciativos anteriores, podemos iniciar discussão tomando como ponto de partida de que a escolha pelo uso de uma língua em detrimento da outra está relacionada ao conforto de se imaginar num lugar reconhecido como seu.

De acordo com Eckert-Hoff e Coracini (2010) esses efeitos contraditórios, mistura de sentimentos que despertam ternura, dor da perda, vestígios de encontros e desencontros que ficaram na memória, certamente emergem sentidos marcados pela inscrição na/pela língua portuguesa. Esse estranhamento é comum ao processo de reinvenção de uma nova língua, pois embora imerso numa língua desconhecida, há sempre um conflito, um desconforto já que a língua portuguesa herdada por sua mãe teimava em silenciar. No entanto, o menino faz soar no alemão, a língua que não se cala (a portuguesa), por mais que imite prosódia, que mude o ritmo, que respire diferente, o português ainda ecoa.

## **2.2 Bi/multilinguismo**

A necessidade de discutirmos as questões do bilinguismo e multilinguismo surge da carga funcional da linguagem atribuída ao sujeito diferente em cada caso. O monolíngue está inteiramente alocado em uma única língua, já o bilíngue tem esta mesma carga funcional diluída nas duas. Portanto, a avaliação da linguagem do sujeito bilíngue deve ser relativizada.

De acordo com Tarallo (2007), as instâncias da fala em que nossos sujeitos estão inseridos e das quais participamos, verificamos, pois, que a língua falada é heterogênea e modalizada. A heterogeneidade precisa ser levada em consideração de acordo com a variação linguística entre os grupos sociais.

Muito embora o fator social seja relevante aos casos de bi/multilinguismo, atemos nossos estudos no que se refere à linguagem e em seus respingos. Partindo para a classificação, vimos que Zimmer, Finger & Scherer (2008) dizem que o bilinguismo e multilinguismo apresentam diferentes classificações e configurações dependendo das dimensões linguísticas a serem consideradas. Os autores informam que a primeira classificação partiu de Roberts em 1939, porém, em 1953 Weinrich resolveu acrescentar informações aos estudos de Roberts e classificou o bilinguismo em: coordenado (cada palavra representaria conceito separado); composto (duas palavras representariam um único conceito combinado); e subordinado (uma palavra em L2 seria acessada por intermédio da sua tradução em L1).

Em virtude da confusão gerada pela impossibilidade de marcar a ocorrência de um tipo de bilinguismo em separado à outra e da possível intercorrência dos três tipos, surgiram críticas à classificação pouco flexiva, sem brechas para casos singulares.

Contudo, as diversas tentativas de classificação acabaram por tornar o tema ainda mais complexo e deu origem à equivocada Hipótese do Monolíngue por Saher em 1922, que dizia que um sujeito bilíngue era visto como “a reunião de dois sujeitos monolíngues em uma única pessoa; sendo assim, deveria ter desempenhos equivalentes, nas duas línguas, aos falantes monolíngues de cada uma delas” (ZIMMER, FINGER & SCHERER, p.3 2008).

É claro que a hipótese de Saher foi rejeitada por vários estudiosos, pois é sabido que é praticamente impossível atingir uma proficiência total em duas ou mais línguas, considerando todas as habilidades linguísticas que estão ligadas fortemente ao contexto. Para as autoras, podemos compreender o bilinguismo como,

a habilidade de usar duas línguas, e o multilinguismo como a habilidade de usar mais do que duas línguas (...) assim, os bilíngues e multilíngues podem ter mais ou menos fluência numa língua do que em outra; podem ter desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo, entre outros motivos (*op. cit.*, p.5).

Levando em consideração os aspectos da linguagem que se importam com as questões da subjetividade, acreditamos num conceito de bilinguismo que leva em consideração a dinamicidade da enunciação. Entendemos, pois, que o bi/multilinguismo seja a habilidade de falar uma segunda língua, sem apoiar-se na primeira, sendo, o bilíngue, capaz de corresponder às exigências de ambas (UYENO & CAVALLARI, 2011). Ou seja, o sujeito bilíngue é aquele que se enuncia nas duas línguas de forma singular convocando o outro, pelo efeito que seu lugar de enunciação provoca.

As questões do bilinguismo problematizam as questões referentes à globalização, neste cenário, é preciso repensar a concepção tradicional de bilinguismo trazendo à baila questões que envolvem a identificação e constituição do sujeito na/pela língua. Afinal, não pretendemos diferenciar a língua materna, da nacional, da estrangeira, ou demais língua, mas questionar o lugar<sup>18</sup> ocupado pelo sujeito na/pela língua.

Cientes da complexidade do tema e das considerações que devemos relativizar no diante do cenário de pluralidade linguística, pretendemos discutir a seguir questões da identificação na/pela língua por acreditarmos que seja um processo decisivo na instância da enunciação do sujeito que, consciente ou inconscientemente, enuncia-se por um ou por outro sistema linguístico.

### 2.3 Identificação com a língua

A identidade segundo Hall (1992) não é fixa no tempo, nem estática, muito menos inata. O autor sugere falar de identificação, ao invés de identidade, onde o termo sugere algo inacabado, em eterno movimento, “um processo em andamento” (HALL, op. cit., p.39). Para ele,

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.

Ou seja, a identificação é de cunho imaginário e fundamenta o reconhecimento do sujeito a partir das imagens que ele faz de si próprias direcionadas pelo olhar do outro (COSTA, 2001). É essa diferença que se dá na relação com o outro e o que nos falta que se dá o ponto de sutura entre as posições ocupadas por cada sujeito socialmente no discurso.

O olhar dos avós adotivos à criança pode ter determinado o processo de identificação dela com o dialeto e não com as línguas. O sujeito se reconhece nas múltiplas identidades que ocupa em diferentes posições discursivas temporárias. A pluralidade dos cenários linguísticos e cultural influencia diretamente na produção de sentidos e valores de diferentes grupos sociais na dinâmica das relações sociais.

---

<sup>18</sup> O lugar que nos referimos diz respeito ao lugar discursivo, por entendermos o sujeito como aquele que se constitui nos deslizos, na errância da língua, nas diversas identificações (SCHERER apud ECKERT-HOFF & CORACINI, 2010).

O termo identificação também está na filosofia, linguagem, psicanálise e demais áreas de interesse comum ao que diz respeito ao processo psicológico pelo qual o sujeito apropria-se de um aspecto, uma particularidade do outro e modifica total ou fragmentos do modelo desse outro (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Partindo do conceito geral da identificação caracterizada pelos dicionários Lalande *apud* Laplanche & Pontalis (op. cit.) distinguiu dois sentidos do termo, sendo o primeiro ligado ao ato de identificar, ou seja, reconhecer como idêntico por certa categoria, ou pelo número. O segundo sentido refere-se ao ato de tornar-se idêntico ao outro em pensamento ou de fato.

As questões que envolvem as concepções de identidade e de identificação perpassam por questões psicanalíticas já que a identidade é sempre imaginária e permitem ao sujeito lançar imagem de si mesmo e construir contorno de si próprio (COSTA, 2001). As identificações são, portanto, pertenças, isto é, para situar o sujeito no mundo e nas relações sociais.

Tomamos como base a obra de Freud citado por Laplanche & Pontalis (2001), que inicialmente caracterizou a identificação pela primeira vez nos casos dos sintomas histéricos. De acordo com Freud *upud* Laplanche & Pontalis (op. cit.), a identificação não é mera imitação, mas apropriação baseada na pretensão a uma fundamentação comum que permanece no inconsciente. A existência de várias identificações também foi sinalizada por ele como expressão da pluralidade de pessoas psíquicas.

Também percebemos que o significado do termo foi progressivamente modificado, evoluiu de mecanismo psicológico à operação através da qual o sujeito se constitui pela língua. O movimento decisivo no processo de socialização do homem ganhou contorno no processo de inserção essencial do sujeito na sociedade. A notória visão de evolução do termo identificação nos estudos freudianos se deu por conta da ênfase dada pelo autor aos estudos edípianos e da teoria do aparelho psíquico<sup>19</sup> em que foi atribuída como protagonista nas instâncias da diferenciação do id.

De acordo com psicanalista existem três modalidades de identificação, são elas: 1) identificação primária ou como forma originária do laço afetivo, aquele que toma o pai como seu ideal; 2) processo de formação dos sintomas, como substituto regressivo de uma escolha de um objeto abandonado; 3) identificação histérica, percepção de uma qualidade comum em comunhão com alguma outra pessoa podendo criar laços sociais.

---

<sup>19</sup> Expressão que ressalta características atribuídas ao psiquismo pela teoria freudiana. De acordo com Freud o aparelho psíquico divide-se em três instâncias funcionais: id, ego e superego. Sendo o primeiro considerado a fonte de energia psíquica (libido); o ego busca a harmonização entre as pulsões do id e as exigências da razão; já o superego representa a consciência moral e valores da sociedade (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Vimos que a terceira modalidade de identificação interessou de maneira ímpar aos estudos de Freud apud Laplanche & Pontalis (op. cit.) no que se refere à formação de grupos e a natureza dos laços com os líderes e demais indivíduos do grupo. Para o autor a instauração do líder num grupo acaba por sacrificar as intenções narcisistas de cada um para ter a proteção do pai no intuito de manter a coesão grupal. Podemos perceber que

geralmente a identificação de um sujeito A com um sujeito B não é global, mas sim *secundum quid*, o que remete para um determinado aspecto da relação com ele (...) mas, por outro lado, a identificação permanece sempre marcada pelos seus protótipos primitivos: a incorporação incide em *coisas*, pois a relação confunde-se com o objeto com que a criança mantém uma relação de agressividade torna-se como que substancialmente o “mau objeto”, que então introjetado. Por outro lado, esse é um fato essencial, o conjunto das identificações de um sujeito forma nada menos que um sistema relacional coerente; por exemplo, no seio da instancia como o superego, encontram-se exigências diversas, conflitais, heteróclitas. Do mesmo modo, o ideal do ego é constituído por identificações com ideais culturais não necessariamente harmonizados entre si (LAPLANCHE & PONTALIS, p. 229- 230, 2001).

De toda forma, para o nosso estudo do processo de identificação de uma criança com SXF na(s) e pela(s) língua(s) tomaremos por base a obra de Freud citado por Laplanche & Pontalis (op. cit.) que considera que a identificação é um processo fundamental de mediação entre o psíquico e o social.

O processo de identificação na/pela (s) língua(s) ganha nuances científicos quando acreditamos que há algo que faz com que a preferência do sujeito seja por uma ou outra língua, mesmo diante das circunstâncias que forcem a inscrição do sujeito noutra língua.

Para Milner (2012), ao dizermos “as línguas” consideramos a existência de mais de uma língua que por sua vez se diferencia uma da outra, mas o que falar de dois sujeitos que falam a mesma língua, mas apresentam consideráveis divergências gramaticais? Mesmo que nos esforcemos por caracterizar duas línguas como idênticas, jamais podemos afirmar que são idênticas entre si. Com isso o autor chama de “a língua” esse núcleo que, em cada uma das línguas, fortalece seu caráter único e específico. Segundo Authier-Revuz (1998), o processo de construção de identidade passa necessariamente pela língua, onde acontece o reencontro do sujeito com sua própria LM.

O material indissociável aos sujeitos é a língua, portanto, o que leva-nos a crer que a inscrição do enunciador na língua quanto as marcas da língua no enunciador é fundamental para a constituição identitária do sujeito. Uyeno & Cavallari (2011, p. 35) concluem que, “vale entender, como processo imaginário e simbólico que liga o campo do eu ao campo do outro, já que a filiação é condição necessária para a identificação”.

Independentemente da presença da SXF, admitimos aqui que o sentido da linguagem reside na relação entre os significantes da criança e do adulto dentro de um espaço discursivo e essa concepção expande as possibilidades de análise quanto aos pormenores que acontecem na relação do sujeito com outros num cenário multilíngue.

Assim, acreditamos que a identidade do sujeito é constituída essencialmente como produto da relação de ser/ estar entre línguas e culturas. A captura ou fuga<sup>20</sup> do sujeito pela relação com a língua deixa rastros das vivências e andanças, mas sempre pela relação com o outro. A metamorfose que ocorre no processo de subjetivação se dá pela estranheza ou familiaridade no contato com a língua do outro, quer seja ela materna ou estrangeira. Afinal a relação com o outro é determinada pelo ato enunciativo e é nele que se sustentam as posições sujeito. A identificação dos enunciadores com a língua passa por uma relação política entre homens, ou seja, o enunciador irá reconhecer seu próprio corpo, seu desejo e sua língua por intermédio do outro (UYENO & CAVALLARI, 2011). No entanto, Goldgrub (2008) afirmou que a identificação ao outro, não confere ao meio um papel decisivo, pois o outro responsável pela identificação atua com suas funções como portador do desejo graças ao qual o *infans* existe.

No intuito de elaborar uma reflexão para os estudos da linguagem num prisma que investiga noções da identidade, tomaremos por base os preceitos teóricos de Melman apud Deângeli (2008, p.178) que diz que um sujeito que vive numa experiência de exílio encontra-se numa situação de desordem na questão paterna, enfrenta um confronto parental, “uma espécie de luta pela imposição e determinação dos espaços que os pais reais e simbólicos passam a ocupar para tal sujeito”.

Esse conflito entre papéis parentais parece ser permanente na vida de quem abandonou a terra natal. Portanto, existe uma comunidade de origem ligada à determinada LM, de uma estrutura fundante do sujeito singular, o qual vê sua estrutura abalada em função do exílio. Esse movimento parece modificar consideravelmente a relação do sujeito em exílio com a língua.

O sujeito multilíngue se enuncia num cenário de conflitos locais, sofre efeito da globalização, resulta de desvios de identidade, pois o encontro do sujeito com o estrangeiro produz um tipo de reconstrução da relação imaginária experimentada pelo sujeito. Contudo, no cenário multilíngue resulta da constante oposição de referenciais culturais, sociais e históricos do qual o sujeito está imerso.

---

<sup>20</sup> Captura e fuga foram termos inseridos na psicanálise que remetem à passividade do sujeito frente ao fenômeno da língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir nos nossos estudos o processo de constituição da linguagem no universo multilíngue de uma criança com Síndrome do X Frágil. Nossas discussões trilharam o caminho de encontro entre questões da aquisição da linguagem sob a perspectiva enunciativa aliada aos casos de patologias da linguagem, num contexto entre-línguas. Os recortes enunciativos foram consequentes à experiência da pesquisadora que com uma criança com SXF, que como qualquer outra, se enuncia como sujeito a partir da relação intersubjetiva com o outro.

Vimos que, apesar da SXF ser caracterizada pelos compêndios médicos num discurso de impossibilidades e inabilidades em que os sintomas linguísticos se aproximariam do autismo e afastariam a criança do outro e do mundo, essa criança se constitui na/pela linguagem de maneira singular e se inscreve na/pela língua alemã clássica, na língua portuguesa e no dialeto Schwäbisch.

Acreditamos ter encontrado uma nova perspectiva da fala sintomática de uma criança com SXF, tomando os desvios de linguagem é uma forma possível de enunciação. Em cada momento em que a criança fala há, inevitavelmente, exposição da apropriação do sistema linguístico a seu modo. Segundo Benveniste (2005), a enunciação é colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, logo o sujeito do estudo se enuncia na/pela linguagem, pois mesmo de forma fragmentada, ou no terreno entre-línguas, coloca a língua em funcionamento de modo particular.

São através de fatos, das vivências, dos vocábulos guardados na memória, que provocam efeitos e constituem identidade. É no momento de ternura, do aconchego, do carinho, advindos de dentro de casa com aqueles que o “aceitaram”, da intimidade familiar que o dialeto Schwäbisch ganha força. Diante disso concordamos com Silva (2012, p. 35) “dizer que a linguagem é afetada pelo desejo dos pais significa dizer que a língua materna é um recorte carregado de carga afetiva”. O autor afirma que é possível reiterar que a criança é falada antes do nascimento e desde então, seu corpo é tocado pelos fonemas, palavras dos outros e que, por sua vez, permanecem no pensamento.

No ambiente entre-línguas, a enunciação desse sujeito com X-frágil passa por um ato de identificação na/pela língua. Quanto ao alemão clássico (Hochdeutsch), não percebemos atos enunciativos do sujeito em questão, no entanto houve compreensão dos

enunciados por parte da criança com falantes da língua oficial da Alemanha (professora, fisioterapeuta, fonoaudióloga etc). Isso provavelmente se deu pelo fato da artificialidade e automatismo que torna a língua oficial da Alemanha não-familiar.

Mesmo ocorrendo incômodo, estranheza, enunciar-se na/pela língua portuguesa carrega em seu bojo histórias daquilo que gostaria de esquecer, mas teima em voltar. Esse retorno à língua portuguesa reafirma a ligação com a língua e a impossibilidade de substituí-la. Arriscamos a pensar o estranho como familiar, que retorna e emerge pelos furos da língua e do sujeito (estruturas marcadas pela falta). Sujeito esse, que se viu obrigado a sufocar sua língua familiar e foi colocado diante de uma língua com poucos traços de parentescos com o português.

Defender que a identificação da língua é colocada em funcionamento passa por uma relação intersubjetiva com os avós, logo concluímos que a língua materna não é da mãe, não é a pátria, mas aquela com que criança toma como berço<sup>21</sup>, cria laços. Pois a língua portuguesa, supostamente materna, tornou-se uma língua estranha, cheia de caminhos equivocados, que dificulta o sujeito enunciar-se por ela.

Diante do dissertado podemos concluir que não há lugar tranquilo na enunciação, ela é caracterizada como evento único e irrepitível. Logo, na enunciação, há uma efemeridade e uma irrepitibilidade que parece desconcertante, pois cria para os enunciadores uma instabilidade irredutível.

O sujeito entre-línguas se deflagra, sem moradia, eternamente exilado do território que não era o mesmo habitado pela língua. Por vezes a língua materna parece ser uma língua estranha e por outras o sujeito passa a ser um estrangeiro na própria língua. Portanto, a vivência de ser/estar entre línguas nas quais João está inscrito coloca-o, inevitavelmente, em situação constante de confusão de línguas, controle do falar correto, de conflito de resistência ou de aceitação da língua do outro. Se, por um lado, a SXF parecia ser um agravante à inscrição do sujeito na língua estrangeira, por outro, o aconchego familiar, a ternura, o carinho dos avós adotivos, provocaram efeitos e contribuíram na constituição do sujeito e identidade da criança no dialeto Schwäbisch por onde predominantemente se enuncia e é enunciado.

Por fim, acreditamos ter contribuído com os estudos relacionados à aquisição da linguagem sob o viés enunciativo face ao desvio de linguagem característica da SXF pouco pesquisados no Brasil. A pesquisa abre espaço para discussão daquilo que Benveniste chama

---

<sup>21</sup> De acordo com o dicionário, maternidade é o laço que liga a mãe aos filhos. Logo podemos fazer uma analogia ao laço que o liga ao berço, a pátria aos seus filhos.

de “formas complexas do discurso”. É preciso dar ouvidos à fala desviante de sujeitos não ideais e buscar encontrar nela algo do sujeito, do outro e da linguagem.

Sugerimos continuação dos estudos da área tendo em vista a escassez de obras. Indicamos também a leitura dos trabalhos de Ferreira Júnior (2014), Rêgo Barros (2011) e Silva (2009) como norteadores para o entendimento das patologias de linguagem no contexto da enunciação, uma vez que os autores destacam a singularidade do sujeito transcendendo as questões que constam nos prontuários médicos.

## REFERÊNCIAS

- American psychiatric association: DSM-V-TR, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- AUROUX, Sylvain. *Filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2009.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*: Campinas: UNICAMP, 1998.
- BARBOSA, Ana Daniela; MULLER, Milena Pereira. Síndrome do X frágil: alteração miofuncional e de linguagem. *Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica (CEFAC)*, v. 5, p. 309-312, 2003.
- BASTARRICA, Tâmis Görbing; OLIVEIRA, Rosana dos Santos; SURREAUX, Luiza Milano. Aquisição da linguagem por um viés enunciativo. *Verba volant*. v. 3, n. 2. p. 135 – 150, 2012.
- BENVENISTE, Èmile. *Problemas de linguística geral I*. 5ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_, Èmile. *Problemas de linguística geral II*. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.
- BORTOLOTTI, Hedilamar; FREIRE, Regina M. A. C.; SILVA, Gisele Gouveia da. Sintomas de linguagem e síndrome de X frágil: estudo de caso. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 303-314, 2009.
- BRAZÃO, Michelle Landim; *Os rastros da língua materna*. Dissertação de mestrado em estudos linguísticos. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.
- BRUN-GRASCA, Carmen; ARTIGAS-PALLARÉS, J. Aspectos psicolinguísticos en el síndrome del cromosoma X frágil. *Revista de Neurologia*, n. 33, p. 29-32, 2001.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. Lucia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de letras, 2007.
- COSTA, Ana. *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2001.

DEÂNGELI, Maria Angélica. Le monolinguisse de l'autre, de Jaques Derrida: uma escritura idiomática da língua. *Revista Frangmentos*, n. 35, p.173-189, 2008.

DERRIDA, Jaques. *O monolinguisse do outro: ou a prótese de origem*. Trad. F. Bernardo. Porto: Campo das letras, 2001.

DIAMENT, Aron; CYPEL, Saul. *Neurologia infantil*. 4ª ed. Lefévre: Atheneu, 1996.

ECKERT-HOFF, Beatriz; CORACINI, Maria José.(Org.) *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Campina: Mercado de letras, 2010.

FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. *A criança autista na/pela linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação*. Tese de doutorado em letras. João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2014.

\_\_\_\_\_ ; CAVALCANTE, Marianne Carvalho B.; Subjetividade e aquisição da linguagem: por uma abordagem enunciativa. *Graphos*. João Pessoa. vol. 10, n. 2. P. 301- 309, 2009.

FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Müller; (Orgs.) *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

FINK, Bruce.; *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da lingüística*. São Paulo: Contexto, 2013.

FISCH, Gene; HOLDEN, Jeanette; CARPENTER, Nancy. Age related language characteristics of children and adolescents with fragile X syndrome. *American Journal of Medical Genetics*, v. 83, p. 253-256, 1999.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Editora contexto, 2009.

\_\_\_\_\_ *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1ªed. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_ ; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Lingüística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne; *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GADIA, A. Carlos, TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. IN: *Jornal de pediatria*, v. 80. n. 2, p. 83-94, 2004.

- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- GIACHETI, Célia Maria; COSTA, Antonio Richieri da; SPINELLI, Mauro. *Achados fonoaudiológicos em indivíduos com a síndrome do cromossomo X frágil*. São Paulo: Escola paulista de medicina, 1992.
- GOLDGRUB, Franklin W. *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. São Paulo: Samizdat, 2008.
- GUERREIRO, Marilisa M. et al. Síndrome do X frágil: características clínicas, eletrencefalográficas e de imagem. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. v. 56, p.18-23, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- HARGEMAN, Randi. Janssen.; HARGEMAN, Paul. J. *Fragile X syndrome: diagnosis, treatment and research*. 3ª ed. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.
- JERUSALINSKY, Alfredo. *Saber falar: como se adquire a língua?* Petrópolis: Vozes, 2008.
- KUHN, Tanara Zingano. Enunciação e sintoma de linguagem: por um estudo sobre a construção da co-referência em casos de retardo de linguagem. *Organon*. Porto Alegre, nº 40-41, p- 179-214, 2006.
- LACAN, Jacques. *O seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LANG, Petra; SARIMSKI, Klaus; *Das Fragile-X-Syndrom: Ein Ratgeber für Eltern*. Munique: Reinhardt, 2003.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca; FONSECA, Suzana Carielo da. Linguística, aquisição da linguagem e patologia: relações possíveis e restrições obrigatórias. *Letras hoje*, v. 36, p.433-439, 2001.
- \_\_\_\_\_. LANDI, Rosana. Vez e voz: o sujeito sob efeito de sua fala sintomática. *Revista Kairós*, São Paulo, (10)1, p. 19-34, 2007.
- \_\_\_\_\_. Questions on the normal-pathological polarity. *Revista da Anpoll*. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. Falas sintomáticas: fora do tempo, fora do lugar. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: Unicamp, n. 47, 2005.
- \_\_\_\_\_. Patologias da linguagem: sobre as ‘vicissitudes de falas sintomáticas’. In: LIER DE-VITTO, M. F. ARANTES, L. M. G. *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2006.

- LINZER, Reiko. *Kinder mit Fragile-X-Syndrom: Entwicklung und pädagogische Förderung*. Viena: Haupt Berne, 2008.
- LOPEZ, Gema; MONSALVE, Carmem; ABAD, Joaquín. *Necesidades educativas Del alumnado com síndrome x frágil*. Madrid: Comunidade de Madrid, 2002.
- LUBS, H. A. Jr. A maker X chromosome. *American journal of human genetics*. Chicago: University of Chicago Press. v. 21, p. 231-244, 1969.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística : uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Trad. Roseana Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Trad. Paulo Sérgio de Souza Júnior. rev. Claudia Thereza Guimarães de Lemos e Maria Rita Salzano Moraes. Campinas: Unicamp, 2012.
- MIRANDA, Sérgio Gomes de. Língua e linguagem: uma reflexão acerca da dialética ensino-aprendizagem. *Revista de filosofia*. Bahia: UFRB, v. 1, n. 1, 2010.
- MODESTO, Adriana M.; AGUIAR, Maria de Fátima. M.; BARBOSA, Hamilton; VILELA, Suzete. S.; SANTOS, Mara; FERRARI, Iris; KLOTZ, Marília; Síndrome do X frágil: relato de caso em dois irmãos. *Jornal de pediatria*. v.73, n. 6, p. 419-422, 1997.
- MOLINA, M. P. Ribate; JUSTE, Pié; FUENTES, R. Fuentes J. Síndrome de X frágil. *Dpto. pediatria y fisiologia*. Facultad de Medicina: Universidad de Zaragoza. v.1, p. 85-90, 2010.
- MONTENEGRO, Candida Celeiro. *Síndrome X frágil*. Inglaterra: Lulu.com. 2011.
- MORAES, Maria Rita Salzano. *Materna/estrangeira: o que Freud fez da língua*. Tese de doutorado em linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- Organização Mundial da Saúde. CID-10: *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10, descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes médicas editora, 1993.
- PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. *Encontros e desencontros da fonoaudiologia*. In: PASSOS, Maria Consuelo (org.). *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. 2ª ed. São Paulo: Plexus, 2002. 152p.
- PINA-NETO, J. M. de. Aconselhamento genético. *Jornal de pediatria*, v. 84, n. 4, 2008.
- RÊGO BARROS, Isabela Barbosa. *Da língua e sua relação com o autismo: um estudo linguístico saussureano e benvenistianiano sobre a posição do autista na linguagem*. Tese de doutorado em letras. João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2011.

- SAUNDERS, Suzanne. *La síndrome di X frágil: una guía operativa*. Itália: Edizioni Junior, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCARPA, Ester Mirian. O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 51(2), p. 187-200, 2009.
- \_\_\_\_\_. Sobre o sujeito fluente. *Caderno de estudos linguísticos*. Campinas, 29, p. 163 – 184, 1995.
- SCHWARTZMANN, José Salomão (et al). *Autismo infantil*. São Paulo: Memnon, 1995.
- SILVA, Carmem Luci da. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas: Pontes, 2009.
- \_\_\_\_\_, Carmem Luci da. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre: 2007.
- SILVA, Saulo Albino da. *As interferências subjetivas da língua materna no processo de aquisição da língua francesa: entre a captura e a resistência*. Mestrado em ciências da linguagem. Recife: UNICAP, 2012.
- SURREAUX, Luiza. Milano. *Linguagem, sintoma e clínica em clínica de linguagem*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGL/UFRGS, 2006.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- TROIS, João Fernando de Moraes. *Por um “nó” epistemológico da linguística e da psicanálise: um estudo sobre Saussure, Jakobson, Benveniste e Lacan*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRG, 2004.
- TURNER, G., WEBB, T., WAKE, S.; ROBINSON, H.; Prevalence of fragile X syndrome. *American Journal of Medical Genetics*. v. 88, p. 11-24. 1996.
- UYENO, Elzira Yoko; CAVALLARI, Juliana Santana. (Orgs) *Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras*. v. 9. Campinas: Pontes, 2011.
- YONAMINE, Sueli Mami; SILVA, Ariovaldo Armando da. Características da comunicação em indivíduos com a síndrome do x frágil. *Arquivos de neuropsiquiatria*. v. 60, n. 4, p. 1-9, 2002.
- ZIMMER, Márcia; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. *ReVEL*. v. 6, n. 11, 2008.